

IRENE CONCEIÇÃO RANGEL BETTI

**O PRAZER EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
A PERSPECTIVA DISCENTE**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

C A M P I N A S

1992



IRENE CONCEIÇÃO RANGEL [BETTI n°/466

**O PRAZER EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
A PERSPECTIVA DISCENTE**

Dissertação apresentada como exigência
parcial para obtenção do Título de
MESTRE EM EDUCAÇÃO FÍSICA à Comissão
Julgadora da Faculdade de Educação
Física da Universidade Estadual de
Campinas - UNICAMP - sob a orientação do
Prof. Dr. WAGNER WEY [MOREIRA. t

9338416156
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

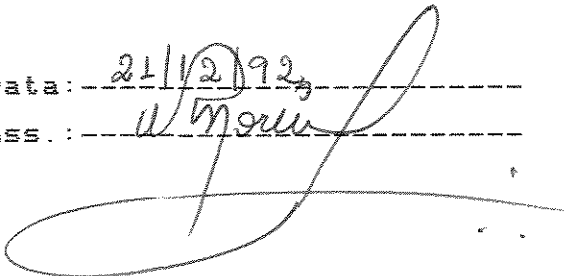
CAMPINAS
1992

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

IRENE CONCEIÇÃO RANGEL BETTI

Este exemplar corresponde a
redação final da dissertação
defendida por IRENE
CONCEIÇÃO RANGEL BETTI, e
aprovada pela Comissão
Julgadora em 21.12.92.

Data: 21/12/92

Ass.: 

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

UNICAMP

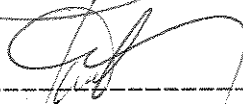
Campinas

1992

Comissão Julgadora



Prof. Dr. WAGNER WEY MOREIRA



Prof. Dr. JOÃO BATISTA FREIRA DA SILVA



Profa. Dra. LEILA MARRACH B. ALBUQUERQUE

À Bráulio Flores Rangel (In Memoriam).
Meu pai, você acertou quando disse que
eu seria professora. Agora, olha eu
aqui tentando ser pesquisadora.

AGRADECIMENTOS

"De todas as coisas com que a sabedoria enriquece o homem para uma vida inteiramente feliz, a mais importante é acumular amigos"
EPICURUS DE SAMOS

Gostaria de agradecer, não de praxe, mas por puro prazer:

* Aos amigos. Obrigada pelo incentivo, apoio, dedicação e torcida; dos mais próximos aos que se encontram em outros fusos horários. Nomeá-los seria correr o risco de esquecer alguém, e, por isso, eu não me perdoaria. Perdoem-me então vocês, meus amigos, por não nomeá-los.

* À orientação segura do Prof. Dr. Wagner Wey Moreira que soube distinguir muito bem entre orientar e guiar, o que me permitiu "voar". Espero que eu não tenha voado alto demais.

* À minha família. Este trabalho é um pedaço de mim, assim como vocês: minha mãe Elza, meu irmão Rangel, e minha irmã (zinha) Ana Lucia.

Agradeço também a meus filhos, Bruno e Clarissa, que são a expressão mais prazerosa de minha vida.

E a meu marido Mauro, com quem divido três amores: o nosso, o de nossos filhos e o amor à Educação Física.

SUMÁRIO

RESUMO.....	viii
ABSTRACT.....	ix
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I - NO PRINCÍPIO, O PRAZER.....	06
Prazer.....	06
Prazer e Educação.....	11
Prazer e Educação Física.....	17
CAPÍTULO II - A TRAJETÓRIA.....	26
CAPÍTULO III - DOS DISCURSOS.....	32
O prazer enquanto sua própria referência.....	37
Gostar ou não, eis a questão.....	37
Como é o sentimento prazer em aulas de Educação Física ...	42
Fluxo.....	42
Motivação intrínseca.....	45
Tensão, Competição, Outros.....	46
As interferências para o alcance do prazer.....	50
Os colegas.....	50
O professor.....	59
O conteúdo.....	63
Condições de infra-estrutura escolar.....	72
CAPÍTULO IV - À LUZ DOS RESULTADOS.....	81
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	88
Anexo.....	92

Resumo

O PRAZER EM AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR:
A PERSPECTIVA DISCENTE

O presente estudo investigou como o aluno experimenta o sentimento denominado prazer, em aulas de Educação Física Escolar, e quais as interferências para seu alcance.

Para tanto, foram analisadas e interpretadas entrevistas abertas, semi-estruturadas, de 58 alunos, na faixa etária de 10 a 15 anos, de ambos os sexos, das redes estadual e particular de ensino do município de Rio Claro, de 5ª a 8ª séries do 1º grau e 1ª série do 2º grau, aplicados logo após uma aula de Educação Física.

Os resultados foram classificados em duas categorias, e mostraram que: o aluno sente prazer esquecendo-se do que acontece ao seu redor, concentrando-se extremamente no que está fazendo entrando em "estado de fluxo". As interferências são muitas, algumas delas funcionando ora como positivas, ora como negativas, como no caso dos colegas e professores.

Abstract

THE PLEASURE IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES:
THE STUDENTS' PERSPECTIVE

The present study investigated how the student experience the feeling called pleasure Physical Education classes, and wich are the interferences to attain it.

With this purpose open and semi-structured interviews of 58 students, from 10 to 15 years old, of both sexes were analysed and interpreted. The subjects were from 5th to 8th grades of junior high school and 1st grade of senior high school, from Rio Claro, stat and private schools. The questionnaires were applied after a Physical Education class.

The results were classified in 2 categories and showed that the students feel pleasure forgetting what is happening around them extremely concentraiting their attention on what they are doing, and entering in a "flow state". There are many interferences, some of them positive and others negative, from friends and teachers.

INTRODUÇÃO

"Na aula de Educação Física o professor mostrou-nos um novo jogo (...) Foi uma brincadeira bem alegre. Pedimos que o jogo continuasse até o fim da aula, até a campainha, mas o professor não deixou. Por que será? (KORCZAK, 1981, p. 83)

Em "Quando eu voltar a ser criança", uma ficção onde o autor retorna no tempo, sem perder, no entanto, sua memória de adulto, KORCZAK (1981) apresenta um professor de Educação Física que não se preocupa com o prazer que seus alunos sentiam em continuar um jogo até o seu fim. Será o mundo real da Educação Física diferente?

A preocupação com o sentimento de prazer que os alunos possam experimentar em aula é algo que há muito tempo me acompanha. Enquanto aluna de 1o. e 2o. graus, e posteriormente como profissional atuante no magistério em todos os níveis, convivi com professores e ouvi depoimentos que raramente se preocupavam com o que os alunos sentiam ao participarem das aulas de Educação Física. A maioria dos alunos, por sua vez, parecia gostar muito de participar destas aulas. Descobrir como eles experienciavam esta participação, no entanto, constituiu-se para mim um desafio.

Para os professores, o mais comum é a preocupação com aspectos quantitativos e generalizadores (medidas de rendimento e performance), em detrimento de aspectos qualitativos e particularizadores (prazer, criatividade e ludicidade); e isto quando há alguma preocupação...

Geralmente são os índices que preocupam: quanto um aluno consegue saltar, quantos pontos uma equipe conseguirá em um campeonato municipal; e para isto é

preciso dispensar os outros alunos em época de campeonato, somente os que participarão da competição é que serão treinados. Se as crianças que não são tão boas para fazerem parte da equipe da escola ficarão sem aula, e se isto as deixa chateadas não tem tanta importância. Na verdade, talvez esta situação não seja culpa exclusiva do professor. Muitas vezes, uma escola só consegue material se participa de campeonatos; outras vezes a direção da escola exige que se tenha equipes, mas não oferece condições para que o restante da escola continue com as aulas normais de Educação Física. Mesmo durante as aulas, enfatizam-se as medidas, muitas vezes o resultado final; o processo, como aconteceram as aulas, como é gostoso participar são aspectos que ficam quase sempre em segundo plano.

Na ânsia de alcançarem seus objetivos imediatos, na expectativa de realizarem seus planejamentos, principalmente a curto prazo, como no plano de aula, talvez estes profissionais não consigam verificar o desejo do aluno em continuar ou interromper um jogo, ou repetir determinada atividade. Não pretendo com estas observações afirmar que os objetivos das aulas devam ser deixados de lado, mas acredito que o prazer da participação não pode ser esquecido.

De forma geral, professores de outras matérias ou professores polivalentes vêem a Educação Física como algo que os alunos gostam muito e, às vezes, utilizam-na como forma de premiação ou castigo. As crianças que não se comportam direito são impedidas de participarem do horário destinado à Educação Física. As que são boazinhas recebem como prêmio a oportunidade de irem para a quadra. Tive chance de verificar isto principalmente em aulas de 1ª a 4ª séries do 1º grau.

A questão da disciplina acaba, por vezes, colocando de lado o prazer e a alegria. Por exemplo, em escolas onde a quadra fica muito próxima às salas de aula, os alunos não podem fazer barulho, não podem gritar, nem torcer. A alegria das

crianças é confundida com indisciplina. A escola, para os que assim pensam, parece ser algo muito sério, onde alegria, prazer e divertimento estão ligados à disciplina extrínseca e não intrínseca⁽¹⁾.

O ideal seria que os alunos conseguissem adquirir disciplina para ler e ouvir, de forma a perceber quando é necessário parar de falar, e não que outras pessoas tivessem que fazê-los parar. O silêncio às vezes é necessário; o problema é quando queremos que todos os alunos fechem a boca, durante todo o tempo que passam na escola, ou que falem somente quando arguidos. O hábito de ler também é uma disciplina, mas é uma disciplina saudável, gostosa, prazerosa para quem a possui. Se entendermos **disciplina** como o fato de ficar calado, não contestar, aceitar qualquer coisa sem discussão, então ela é contrária ao prazer. Se, ao contrário, a entendermos como algo necessário para uma ordem social escolar não rígida, e que pode ser internalizada e utilizada em certos momentos, podemos aceitá-la ao lado do prazer.

A concepção de uma escola rígida vai ao encontro da afirmativa de FREUD (apud MARCUSE, 1981), segundo a qual, em uma sociedade séria, civilizada, parece não haver espaço para a satisfação e a alegria.

Por outro lado, em aulas de Educação Física, ao aceitar-se que qualquer atividade desenvolvida traz satisfação aos alunos, pode-se chegar à conclusão de que não é preciso se preocupar com isto; ou seja, qualquer coisa serve, não

(1)

Entendo disciplina intrínseca como interna ao indivíduo; suas ações não dependem de aprovações de outras pessoas, mas sim de sua própria aprovação; entendo disciplina extrínseca como aquela que se realiza apenas quando há supervisão de outras pessoas, como por exemplo, jogar algo no lixo somente quando outra pessoa estiver por perto.

havendo necessidade de se pensar como está sendo ministrado. Neste ponto, a própria obrigatoriedade legal da Educação Física Escolar pode ser cúmplice da falta de preocupação, tanto em relação ao conteúdo a ser ministrado, como em relação aos alunos sentirem ou não prazer na participação pois de qualquer forma o emprego do professor está garantido pela lei.

Na concepção de ALVES (1990) aprendemos somente as coisas que nos dão prazer, caso contrário as esquecemos. Podemos até aprender pela dor ou pelo desprazer, mas certamente fazemos força para esquecer os momentos de dor, a não ser que sejamos masoquistas. Entretanto, nem sempre isto acontece. Existe muita confusão entre desenvolver uma atividade séria e prazerosa com atividade séria e desagradável.

Estas colocações iniciais, unidas à minha convivência com outros professores de Educação Física, alguns preocupados e envolvidos, outros desiludidos com o sistema educacional e, conseqüentemente sem interesse algum pelas aulas e alunos, fizeram-me indagar sobre a questão do prazer em aulas de Educação Física Escolar.

Formei-me também em uma época em que a Educação Física brasileira começava a acordar, engatinhando primeiramente sobre as desavenças entre teóricos e práticos. Surgiram então os primeiros cursos de pós-graduação e a chamada Crise da Educação Física. Pois bem, já faz aproximadamente 10 anos que estamos em crise, e provavelmente vamos continuar uns belos anos nela, mas creio que foi necessária. Avançamos em algumas partes e retrocedemos em outras, porém acredito que um dos grandes avanços foi a preocupação com a Educação Física por profissionais da Educação Física, não só por profissionais de outras áreas.

Os estudos com a Educação Física Escolar poderão esclarecer os problemas nela, e é neste sentido que pretendo contribuir, realizando este trabalho sobre o

prazer, sua importância, sua existência ou não em aulas e as interferências para seu alcance, indagando alunos da rede estadual e particular de ensino.

Assim, o objetivo deste trabalho é ouvir a perspectiva discente, acerca da compreensão do fenômeno prazer nas aulas de Educação Física Escolar, e quais as interferências para seu alcance. No primeiro capítulo será feita uma revisão de literatura sobre o significado do termo prazer, e as ligações entre prazer e Educação e Educação Física. A seguir mostrar-se-á o caminho metodológico definido para sua realização, e uma análise e interpretação dos resultados das entrevistas realizadas com escolares. O fechamento do estudo dar-se-á através de uma conclusão sobre as interpretações realizadas e sugestões. Este trabalho foi baseado principalmente nas respostas dos alunos, geralmente os últimos a serem consultados quanto a inúmeras coisas que lhes dizem respeito.

CAPÍTULO I

NO PRINCÍPIO, O PRAZER

*"Gosto muito, muito de viver.
Encontro prazer especial em
coisas muito simples como soltar
papagaio e armar quebra-cabeças.
Tenho medo de morrer"* (ALVES,
1991, p. 6).

Através de uma revisão da literatura, pretendo situar o prazer, partindo sumariamente do pensamento filosófico de Aristóteles, com a intenção de mostrar que os antigos pensadores nos forneceram uma visão do tema, mas evidentemente esta visão não nos cabe atualmente, pois nossa cultura é muito diferente. Esta revisão também enfocará o prazer na escola, chegando finalmente à relação entre prazer e Educação Física. Entretanto, não pretendo esgotar o tema (e isto não é mesmo possível), pois o interesse principal é descobrir o prazer na visão dos alunos enquanto realizam atividades físicas, em aulas de Educação Física Escolar e enquanto sujeitos de uma cultura particular, a cultura brasileira.

Prazer

A humanidade, há muito tempo, demonstra um grande interesse pelos sentimentos e pela vida emocional de forma geral. Isto é facilmente entendido, pois tratam-se de traços essenciais da conduta humana que, de certa forma, traduzem suas relações com o meio ambiente, a natureza e o contato social. Isto aparece refletido no folclore, na literatura, nas obras de arte, na religião e nas opiniões de filósofos e moralistas (IAKOBSON, 1959).

Sendo assim, compreende-se que, em todas as épocas, os sentimentos e suas formas de expressão estão diretamente ligados às relações sociais vigentes. Um exemplo é a observação da literatura, que em determinada época foi mais ou menos romântica, conforme o sentimento vivido. A relação com a cultura também é muito forte; cada cultura determina o tipo de sentimento vivido, (ou será por ele determinada?). Vários exemplos podem ser citados:

- na cultura oriental a mulher experimenta um sentimento de submissão ao homem muito mais forte do que na cultura ocidental;
- na cultura ocidental moderna os sentimentos parecem ser determinados pelo poder de compra, pelo consumo exagerado, pela velocidade do descartável...

O homem, em sua experiência chamada vida, experimenta muitos sentimentos como o amor, o ódio, a felicidade, a raiva, e outros. O prazer e a alegria são também sentimentos vivenciados pelos homens, em menor ou maior grau.

Para LEPARONEUR (1985) existe a idéia de que não há prazer sem o contentamento de um desejo, e não há desejo sem espera de satisfação, prazer ou contentamento.

Filosóficamente, prazer (do grego *ἡδονή*) e dor constituem tonalidades fundamentais de qualquer tipo ou forma de emoção. Para Aristóteles, que nos deu a mais famosa definição de prazer, ele é o "ato de um hábito que é conforme à natureza", sendo hábito compreendido como disposição constante (ABBAGNANO, 1982, p. 775).

Aristóteles, ao que tudo indica, via o prazer como um desejo contrário à dor e como um sentimento inferior, vivenciado por grosseiros; via-o como um desejo carnal, associado ao bem e à felicidade, mas conseguido através da vida voluptuosa (MARIAS, 1975). O prazer, sendo contrário à dor, viria com a cessação desta. Para LOWEN (1984), logo que uma dor desaparece, sente-se prazer nisto; no entanto, com

o passar do tempo, não necessariamente continuamos a sentir este prazer.

Ainda dentro da filosofia da Antiguidade, distinguimos a doutrina filosófica chamada hedonismo, caracterizada como a busca do prazer dos sentidos ou do espírito; esta doutrina considerava o prazer como o único bem possível, e portanto o fundamento da vida moral (ABBAGNAND, 1982; LEPARGNEUR, 1985).

Outra corrente filosófica associada ao prazer foi aquela criada por Epicuros de Samos, denominada epicurismo. A preocupação fundamental desta corrente estava identificada com o alcance do prazer sensível, e pretendia subordinar toda a pesquisa filosófica à exigência de garantir ao homem a tranquilidade do espírito (sensismo) ou seja... "a sensação é o critério da verdade e o critério do bem" (ABBAGNAND, 1982, p. 372).

A partir do hedonismo percebemos uma distinção entre a definição de Aristóteles, vendo o prazer como uma sensação física, contrária à dor, e o prazer como um sentimento espiritual e emocional, contrário ao desprazer.

Para a Igreja cristã o prazer é sublimado, estando relacionado quase que exclusivamente à relação sexual. Assim como a relação sexual é aceita somente para a procriação, o prazer é aceito apenas em determinados momentos, como por exemplo em celebrações, festas, inaugurações, etc (LEPARGNEUR, 1985). O ritual, nestes casos, assume uma conotação de prazer permitido, autorizado.

Com o advento da era industrial, as horas de trabalho passaram a ser em número muito maior, com baixos salários e, também, com uma dissociação enorme do prazer, principalmente com a divisão extremada de serviços, onde cada operário faz uma parte, sem perceber o todo final do produto. Muitas vezes o trabalho é mecânico e, dificilmente, alguém sente prazer em realizá-lo.

Na idade contemporânea, observam-se algumas coisas interessantes. Apesar

de não haver uma diferença marcante relacionada à divisão de trabalho operário (muitos continuavam executando um serviço subdividido em fábricas), algumas pessoas possuem agora o privilégio de trabalhar com o que gostam, sentindo mesmo prazer em fazê-lo. Exemplo disto são as profissões liberais, onde o indivíduo possui a liberdade de escolher em que trabalhar, o que pode significar que obtenha prazer em fazê-lo.

A sociedade sempre passa por grandes transformações. Com as constantes reivindicações, principalmente das classes operárias, o tempo livre aumentou. Até no Brasil, considerado um país em desenvolvimento, observa-se a semana de 40 (ou 44) horas, o direito a férias remuneradas, advindo daí a possibilidade de uso destas horas livres do trabalho com o lazer e prazer. É difícil, entretanto, afirmar que o aumento das horas de tempo-livre signifique um aumento do aproveitamento destas horas de forma prazerosa; mas, de qualquer forma, foi um grande ganho para a humanidade.

O prazer parece estar ligado a um desejo e está associado ao que é bom. Quando é refletido em uma satisfação através de resposta a algum estímulo, é mais fácil de ser compreendido; mas também podemos entendê-lo como a satisfação de um desejo, quando, por exemplo, lemos um livro e sentimos enorme prazer em fazê-lo." O ser humano desperta sua humanidade através do desejo e na busca do prazer..." (LEPARGNEUR, 1985, p. 96).

A sociedade capitalista atual associa o consumo ao ganho de prazer; quanto mais compramos, mais sentimos prazer. Os prazeres da vida são resumidos ao conforto de um carro, de uma bela casa ou à compra de um aparelho eletrodoméstico, entre outros. Vivemos em uma sociedade que parece sobreviver através de produtos cada vez mais descartáveis, e assim também parece que adiamos a sensação de prazer, ou não ficamos satisfeitos com o prazer temporário (cada dia

mais temporário!). Para LEPARGNEUR (1985) Aristóteles, se vivo, censuraria a busca do prazer pelo prazer à moda moderna.

Mesmo compreendendo que o prazer é a chave criativa da vida, nossa cultura receia-o, e quando imaginamos uma vida inteira a ele devotada, logo sentimos uma reação negativa e tememos que nos faça esquecer de nossos deveres e obrigações (LOWEN, 1984). Como se não pudessem andar juntos!

De forma simples, o prazer é definido como uma satisfação, alegria, jovialidade, delícia, agrado ou divertimento (PEQUENO... ILUSTRADO, 1972). Para HOFFE (apud LEPARGNER, 1985), o prazer é visto como um sentimento subjetivamente vivenciado quando da realização de um desejo.

Na visão de VASQUEZ (1980), autor contemporâneo, o prazer engloba dois sentidos, que às vezes se confundem:

a) sentimento ou estado afetivo agradável, como por exemplo encontrar velhos amigos, contemplação de uma obra de arte, solução de um problema difícil, etc. Neste sentido seu oposto é o desprazer, ou estado afetivo desagradável.

b) sensação agradável ou prazer sensível imediato, produzido por certos estímulos (cócegas, um bom copo de vinho, orgasmo sexual). Seu oposto é a dor, ou sensação localizável em alguma parte do corpo (dor nas costas, por exemplo) (p.139)

Para CSIKSZENTMIHALYI (1992), a vida sem satisfação pode até conter momentos de prazer do tipo sensível e imediato, mas não será completa. O importante é (...) "aprender a construir a satisfação em tudo o que aconteça no dia-a-dia" (p.77).

Para mim o prazer é esta satisfação, é um sentimento afetivo agradável e completo, que deve ser vivenciado em aulas de Educação Física Escolar.

Prazer e Educação

A tendência do ser humano é fazer tudo aquilo que lhe dá prazer; quando trabalhamos com o que gostamos, a tendência é não se queixar, e encontrarmos uma harmonia com o meio (LIMA, 1987). Na realidade, o prazer pode ser considerado como um modo de ser, e o trabalho pode vir a ser uma fonte de prazer. É claro que depende das condições em que trabalhamos e da atitude frente ao trabalho (LOWEN, 1994).

"O principal impulso da vida é o princípio do prazer"(FREUD, apud ALVES, 1986, p.96). As crianças parecem ter descoberto este princípio ao organizarem seu mundo, brincando alegremente. Acredito que o brincar possui vários significados, entre eles o de ajudar a criança a passar de uma fase da vida para outra. É brincando de casinha, de mocinho e bandido, de pegador, e tantas outras brincadeiras que a criança passa a perceber o imaginário e o real, a fazer de conta, e a passar pelo papel de adulto.

" É no brincar, e somente no brincar, que a criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self). (WINNICOTT, 1975, p. 80)

Muitos autores referem-se ao brincar como uma das representações mais importantes para o ser humano, tais como Sigmund Freud, Melanie Klein e Walter Benjamin. Mas Winnicott foi mais longe; em terapias, ele brincava com as crianças.

Winnicott discutiu as condições que tornam o brinquedo possível, e entre outros, interessou-se pela exploração do brinquedo por si mesmo observando que, além de significar uma condição do sujeito, brincar significa uma condição da cultura (PELENTO, 1991).

O brincar, no entanto, não pode ser encarado como uma atividade produtiva, ele traz prazer, é um fim em si mesmo e não necessita exhibir o produto objetivo como justificativa para sua existência (ALVES, 1986). Não concordo com a idéia de que o trabalho de uma criança é brincar, creio que o brincar é uma atividade que faz parte da vida. Todos nós brincamos um dia, não para produzir, mas sim para ser feliz. Mesmo quando uma criança é forçada a trabalhar, como acontece por exemplo, nos pontos de cruzamento em São Paulo, onde crianças vendem de tudo um pouco, ao fechar o semáforo estas crianças arranjam um jeito de brincar.

Segundo as palavras do próprio WINNICOTT (1979), as crianças brincam porque gostam, são "capazes de encontrar objetos e inventar brincadeiras com muita facilidade (...) As crianças têm prazer em todas as experiências de brincadeira física e emocional"(p.161). Isto é fácil de perceber, mas a criança também brinca para dominar angústias por exemplo. Na brincadeira e na fantasia a criança adquire experiência de vida, e dá início às relações emocionais desenvolvendo os primeiros contatos sociais, por isso é tão importante.

Na sociedade em que vivemos, tudo (ou quase tudo), gira em torno da produtividade, até os brinquedos. As propagandas de TV incentivam a compra desenfreada de brinquedos, que a cada dia são mais fáceis de serem quebrados. A compra também é incentivada pela mudança de objetivos ; como exemplo, citamos a coleção de determinado tipo de bonecas, que nunca possui um fim, sempre há um novo lançamento, um novo modelo. O mesmo acontece atualmente com a febre dos vídeo-games, que possuem também cartuchos e modelos novos, lançados a todo instante.

Apesar de tudo, as crianças resistem bravemente e ainda reservam um espaço de seu tempo para a imaginação criadora das fantasias infantis. Até com brinquedos eletrônicos fantasiam, transformam-se em Super-Mários ou Monstros da

Sexta-Feira Treze. Desta forma, compreendemos que o prazer de brincar e imaginar ainda existe, e não poderá ser considerado uma atividade produtiva. Um dos motivos pelo qual a sociedade idealizada por HUXLEY (1969), onde os seres humanos foram praticamente transformados em robôs sem opção para nada, ainda não existe, talvez seja pelo poder imaginativo das crianças que, apesar dos pesares, resistem intensamente.

Na realidade, a criança só abandona o princípio do prazer por opressão do adulto. Na escola isto não é diferente. O sistema de ensino, de modo geral, tende a apresentar uma contenção da energia natural da criança, que é movimentar-se, através da repressão, ao invés de aproveitar esta energia em atividades que envolvam a um só tempo ação, aprendizagem e prazer (LIMA, 1987).

Estamos sempre preparando a criança para o futuro, esquecendo-nos do presente. A pré-escola, por exemplo, prepara a criança para a vida futura e assim constata-se que... " o presente, o real, o que existe, não é para ser vivido; o passado é aquilo que se deixou de viver e o futuro é o que nunca chegará" (FREIRE, 1989, p.17).

As escolas, ao que parece, ignoram o princípio humano do prazer, são escolas da disciplina extrínseca, que tendem a tratar o corpo do educando como um fardo inexpressivo. Nesta linha de pensamento entendemos que a disciplina é dissociada do prazer. Que prazer pode sentir uma criança ao fazer tudo igual a outra, ao falar somente o quê e quando os professores querem ouvir ? (MORAIS, 1982).

FOUCAULT, (1987) alerta-nos sobre a disciplina utilizada na escola, uma disciplina que fabrica corpos dóceis e submissos. Foi nos séculos XVII e XVIII que a disciplina tornou-se fórmula geral de dominação, não pela relação de apropriação

do corpo, nem pela domesticidade, vassalidade, ascetismo ou disciplina do tipo monástico, mas sim pela relação que torna o corpo humano mais útil quanto mais obediente for:

*"Forma-se então uma política das coerções que são um trabalho sobre o corpo, uma manipulação calculada de seus elementos, de seus gestos, de seus comportamentos. O corpo humano entra numa maquinaria de poder que o esquadriinha, o desarticula e o recompõe. Uma **anatomia política**, que é também igualmente uma **mecânica de poder**, está nascendo; ela define como se pode ter domínio sobre o corpo dos outros, não simplesmente para que façam o que se quer, mas para que operem como se quer, com as técnicas, segundo a rapidez e a eficácia que se determina (p. 127).*

Resumidamente a disciplina aumenta a força do corpo (de utilidade) e a diminui (pela obediência), quando faz do corpo uma aptidão, uma capacidade, e ao mesmo tempo torna-o submisso. Este método disciplinar, que foi se formando aos poucos, foi introduzido nos colégios, nas escolas primárias, no espaço hospitalar e na organização militar. Podemos entendê-lo na escola através dos regulamentos, dos prédios fechados, dos lugares marcados para cada aluno dentro da classe, das filas, na sucessão dos assuntos ensinados e pelo sistema de sinais (para horários de entrada, recreio, saída; utilização de apitos, etc) (FOUCAULT, 1987).

A organização tornou a escola uma máquina de ensinar, com economia do tempo de aprendizagem, e ao mesmo tempo capaz de vigiar, recompensar e hierarquizar ... "e por outro lado o ritmo imposto por sinais, apitos, comandos impunha a todos normas temporais que deviam ao mesmo tempo acelerar o processo de aprendizagem e ensinar a rapidez como virtude" (FOUCAULT, 1987, p. 140).

Esta máquina de ensinar até hoje isolou o prazer da escola. O prazer geralmente é esquecido no processo ensino-aprendizagem. Talvez por não ser uma medida quantitativa, não pode fazer parte da escola; é triste descobrir que uma criança ao ser indagada sobre o que mais gostava da escola respondeu que o

melhor acontecia até que a aula começasse (MOREIRA, 1988).

"Que escola é essa, onde não se pode ter prazer? Que educação é essa, onde é permitido proibir e proibido permitir? Que estrutura é essa, montada em números, em processos estatísticos, onde encontramos a ansiedade, a frustração, o desprazer, o desamor ?" (MOREIRA, 1988, p. 17)

Compreendemos então o que nos diz MORAIS (1982) ao afirmar que a tarefa dos educadores seria a de romper o divórcio existente atualmente entre escola e prazer. Cada uma das pequenas coisas que são proibidas na escola fazem com que o prazer de frequentá-la fique cada dia mais distante. A utilização de atividades lúdicas aproximaria o prazer da escola. MARCELLINO (1989) acredita que em nossa sociedade não é muito estimulante propor um processo ensino-aprendizagem com características lúdicas, pelo prazer e alegria, e que não envolvam interesses materiais. A primeira reação que se observa quando algo diferente é proposto na escola é uma reação de recusa, de medo do novo.

MOREIRA (1988), propõe uma Educação em busca da desordem, desordem entendida como o contrário da ordem estabelecida pelo positivismo, que tudo mede e quantifica:

"A desordem é a proposta de uma nova visão de mundo, através do contexto educacional, redimensionando valores. Não se confunde com bagunça, pois essa desordem tem o controle do processo educativo, mas não o manipula" (p. 18).

A utilização do lúdico e a experiência do prazer na escola não devem ser confundidas com bagunça, alienação ou desorientação (MARCELLINO, 1989). Não se pode confundir as coisas. A diferença está entre **administrar** e **manipular** o ensino.

Muitos professores, com raras e brilhantes exceções, procuram controlar tudo, desde o objetivo do ensino até a execução e avaliação das tarefas. Por

exemplo, é muito comum vermos crianças lendo uma história em Português que não faz o menor sentido para elas, resolvendo um problema em Matemática que não entendem (só resolvem as contas), ou fazendo um circuito em Educação Física do qual não participaram sequer da elaboração. Por que as crianças não podem escolher uma história para ler? Por que não resolvem problemas que tenham a ver com seu mundo, como contar suas bolinhas de gude, ou ir a um mercado e ver realmente quanto custa um quilo de arroz? Por que as crianças não podem montar um circuito e escolher por onde querem passar primeiro? Porque assim, talvez, o professor se sinta inútil.

No entanto, acredito que desta forma o professor estaria realmente educando. Facilitando a aprendizagem, a colaboração, a organização pessoal e de grupo e encontrando formas do aluno se sentir útil também neste processo. Provavelmente deste jeito, as tarefas seriam realizadas com mais satisfação e com menos domesticação. Para FREIRE (1987), por exemplo em relação à Educação Física, ela ao invés de servir como uma técnica de adestrar homens, poderia permitir a realização do movimento com arte, e para isto é necessário que cada movimento seja compreendido.

Como comenta ALVES (1990):

"Todos sabem que o objetivo da educação é executar a terrível transformação: fazer com que as crianças se esqueçam do desejo de prazer que mora nos seus corpos selvagens, para transformá-los em patos domesticados, que bamboleiam ao ritmo da utilidade social". (p.103)

O grande desafio da educação é transformar os indivíduos através do lúdico, de forma prazerosa pois "só se aprende quando se gosta, quando se ama o que se estuda" (ALVES, 1990, p. 105) . O resto não podemos afirmar que seja aprendido, talvez decorado e, se possível, esquecido. Também nas escolas devem ser

levados em conta o direito e a necessidade infantil de brincar, livre e prazerosamente (HARTLEY, 1971).

Para mim este é o desafio da escola, encontrar formas de desenvolver um conteúdo, de transmitir cultura, enfim de transformar através do lúdico, do prazer da participação. Seria muito bom ver o maior número possível de crianças querendo ir à escola, gostando tanto das aulas quanto da hora do recreio. Não gostaria de rever nas escolas uma cena que vi em um filme, onde as crianças pulavam felizes da vida ao descobrirem que sua escola estava pegando fogo.

Prazer e Educação Física

"Pela corporeidade existimos; pela motricidade nos humanizamos. A motricidade não é movimento qualquer, é expressão humana."
(FREIRE, 1991, p. 26).

O primeiro tipo de linguagem do ser humano é o movimento. Através dele nos expressamos antes mesmo de nascer; a comunicação primeira entre mãe e filho é a sensação do movimento. As mães percebem que há vida dentro delas por volta do 4º mês de gestação, quando o feto se move, e este movimento é perceptível. Antes disso têm-se a confirmação da gravidez, mas a certeza, para a mãe, apresenta-se no momento do primeiro movimento perceptível, um momento maravilhoso, um momento de prazer.

Também é através dos movimentos que confirmamos as perfeitas condições de saúde da criança. Testes são realizados utilizando-se os movimentos reflexos e, quando estes não são os esperados, há evidências de que algo está errado com o bebê.

O relacionamento do bebê com o mundo dá-se através do movimento, primeiramente com a sucção e apreensão através dos quais o bebê é capaz de sentir prazer ou desprazer. A criança sente enorme prazer em brincar com suas mãos, e é capaz de passar longos períodos nesta brincadeira. A experiência de dar os primeiros passos também lhe proporciona prazer; já o desprazer é sentido com os primeiros tombos neste experimento.

" O movimento é a linguagem do corpo. A partir da qualidade de movimento de uma pessoa pode-se determinar seus sentimentos. As mães conseguem saber, olhando a expressão e o movimento do corpo do bebê, se ele se encontra num estado desconfortável ou se, ao contrário, está confortável e tendo prazer." (LOWEN, 1984, p. 61)

A Educação Física utiliza o movimento para o alcance de seus objetivos; o movimento é um fim e um meio, diferentemente de outras disciplinas que só o podem utilizar como meio. Estes objetivos podem estar relacionados ao esporte, à dança e à ginástica e devem servir para o desenvolvimento pessoal, social e cultural de todos que o praticam. Ainda que de forma não tão eficaz, a escola é o lugar na qual os indivíduos travam um maior conhecimento sobre o desenvolvimento das atividades físicas sistematizadas.

Em muitos países considerados desenvolvidos, as aulas de Educação Física são ministradas todos os dias. LOPES (1989) por exemplo, professor em Portugal, acredita que é na escola que os hábitos desportivos se formam pois, praticamente todos os jovens, neste país, passam pela escola. Já no Brasil, a realidade é bem diferente; entretanto, para muitas crianças, a única oportunidade de tocar em uma bola de voleibol, ou de basquetebol será proporcionada pela escola. "Das práticas dedicadas à educação corporal, talvez a única acessível aos desassistidos, pelo menos os que vão à escola, seja a Educação Física" (FREIRE, 1987, p. 53).

Por outro lado, muitas crianças vivenciam brincadeiras de rua que lhes causam enorme prazer. Quando entram para a escola o conteúdo das aulas de Educação Física nem sempre se apropria destas brincadeiras, e as crianças acabam por aprender somente jogos desportivos. Aqui, entraríamos em uma discussão sobre os conteúdos desenvolvidos nas aulas de Educação Física e, pelo menos por enquanto, este não é nosso objetivo. Interessamo-nos neste momento saber como as crianças percebem o desenrolar das aulas: com ou sem prazer?

Os professores, não só os de Educação Física, precisam estar atentos ao fato de que a aprendizagem precisa ser uma experiência feliz. Para LOCKHAR (1980) a criança precisa descobrir que a aprendizagem pode lhe dar prazer e satisfação, pois quando isto acontece parece haver melhor retenção de aprendizagem. Para o alcance do prazer existe a necessidade de um comprometimento total com o que se está fazendo (LOWEN,1984). Com esta premissa é que os professores de Educação Física precisam ficar preocupados. As crianças que sentem prazer com as atividades são as que se envolvem completamente; quando isto acontece, elas aprendem. Creio estar aí a chave da aprendizagem de um movimento. O grande problema que o professor enfrenta é tornar a atividade física, e os momentos de aprendizagem desta atividade, em uma experiência prazerosa. E nem sempre vamos isto.

A repetição do movimento, que é uma das condições para que ele seja aprendido (LOCKHAR, 1980), é realizada sempre da mesma forma, por diversos dias consecutivos. Claro está que isto torna-se cansativo. Ao se ensinar a bandeja do basquetebol, para termos um exemplo, procede-se quase sempre da mesma forma. Crianças em duas colunas, que executam a bandeja e colocam-se ao final destas. Para um primeiro momento isto pode ser motivante, mas passar grande parte da aula nesta tarefa torna-se, no mínimo, muito chato.

A criatividade pode garantir outras possibilidades de se fazer a bandeja, mais alta, mais baixa, com um aro maior, vindo de diferentes direções e que não necessariamente utilize materiais mais caros .

A motivação vinda de propostas diversas torna mais prazerosa a aprendizagem. Assim, podemos perceber um elo entre motivação e prazer. No entanto, a motivação não é necessariamente uma garantia de prazer. O indivíduo pode estar motivado para jogar, mas as condições da quadra, a raquete quebrada ou o adversário que falta não garantem seu prazer. Diríamos, então, que o prazer depende de condições internas e externas do indivíduo.

A atividade física, normalmente, desperta um grande interesse nos indivíduos, indo desde as atividades propostas na escola até as desenvolvidas em desportos de alto nível, apesar de que no desporto as recompensas extrínsecas, como fama e dinheiro, exercem outro tipo de prazer. BELBENDIT (1976) já chegara à conclusão de que no desporto o maior interesse não está voltado para a saúde, a moral etc, e sim para o prazer que nele se sente.

CLAYES (apud LOPES, 1989) realizou uma pesquisa através de inquérito a 1150 jovens de ambos os sexos, com idade entre 10 a 20 anos, em 1976, sobre como a juventude encarava a prática desportiva. Ao escolher entre 12 termos que mais se aproximavam da prática desportiva, o prazer aparece em terceiro lugar, precedido por contactar amigos e jogar honestamente, ficando por último os termos vencer, competição e desafios.

Estes fatos deveriam ser do conhecimento geral dos professores, dos pais e de todos que trabalham em uma escola, pois ao contrário do que se pensa, os jovens estão mais interessados em se realizar prazerosamente ao praticar uma atividade, do que vencer a qualquer custo. Aliás, os responsáveis em escolas e até os responsáveis pelos cursos de formação profissional deveriam ter isto em mente.

Até quando a imagem do campeão, do sujeito que treina até a exaustão será veiculada e admirada nas faculdades? Qual a real porcentagem dos alunos universitários que irão trabalhar com esporte de alto nível? Pode ser que a imagem do campeão interesse, a ilusão de todos um dia tornarem-se campeões é que não deve ser transformada em algo tão sério, pois acabará frustrando os que não chegarem lá.

Ora o professor preocupa-se com as técnicas, ora não se preocupa com nada, e as crianças e jovens acabam passando pela escola sem saber afirmar, ao final de 8 ou 11 anos de estudo, qual o conteúdo aprendido, em qual sequência ele se desenvolveu e qual prazer que experienciou.

Os professores de outras disciplinas nem sempre acreditam que as crianças estejam aprendendo alguma coisa nas aulas de Educação Física. As crianças "gastam energia", energia esta que atrapalha nas outras aulas. Acontece que, nas próprias aulas de Educação Física, com raras exceções, o professor aproveita esta preferência para o alcance do prazer.

GIRALDES (1982) acredita que os alunos não se divertem nas aulas em que as aspirações técnicas e planos metodológicos rígidos do professor estejam acima dos interesses dos alunos, que é jogar. Isto pode levar a um quadro que é recebido com apatia pelos alunos, quando não é recebido com aberta oposição. O que mais interessa é que as atividades sejam recebidas com entusiasmo e que sejam sempre divertidas.

MOREIRA (1991), analisando a ação do professor de Educação Física na escola, observa que este não possui prazer em sua ação profissional e que, para o aluno, a ausência de ludicidade e prazer leva a uma visão de Educação Física como coisa séria, acarretando ..."prejuízos inalienáveis aos direitos da criança e do aluno na escola"(p.192).

Ao afirmarmos que o prazer deve estar presente nas aulas de Educação Física, não queremos dizer que esta não deve possuir um objetivo. Ao contrário, o fato de encararmos a Educação Física como disciplina séria, que possui objetivos de desenvolvimento pessoal, social e cultural, é que nos leva a propor que ela não seja encarada como algo que leve ao desprazer, como algo que seja visto com horror ou que traga lembranças desagradáveis, pois desta forma ela seria dispensável.

O prazer pelo consumo ou prazer-alienação também não interessa. Cada dia mais a televisão e jornais veiculam notícias sobre esportes diferentes. Todos os dias vemos a criação de um novo jeito de enfrentar o ar, a terra ou a água. A impressão passada é a que os indivíduos estão cada vez mais insatisfeitos e, sendo assim, vão inventando esportes descartáveis, pois da mesma forma que eles aparecem, desaparecem também. Nada é duradouro ou capaz de satisfazer as pessoas por um longo período.

Para LOWEN (1984), o indivíduo está em estado de prazer quando seus movimentos estão em harmonia com seu ambiente, quando os movimentos de seu corpo fluem livre e ritmicamente.

Na escola, vários fatores contribuem para que não se sinta prazer. As aulas possuem um tempo pré-determinado e as condições materiais também não colaboram muito, entre outros. A separação meninos x meninas também pode ser um fator limitante do prazer. Por que a separação dos sexos? ABREU (1991) não encontrou justificativas convincentes para esta separação, e no entanto ela aí está.

Quando observamos crianças brincando, a impressão que temos é de que elas estão em outro universo, vivendo intensamente aquele momento. Isto acontece também a adultos quando realizam uma atividade que realmente gostam. Podemos

dizer que estão em **estado de fluxo**. CSIKSZENTMIHALYI et al. (1984) ao proporem um modelo de fluxo, definiram o prazer como o "equilíbrio entre os desafios de uma atividade e as habilidades do participante"(p.110). Quando a habilidade é superior ao desafio, pode haver desmotivação. Quando o desafio é superior à habilidade pode haver irritação por parte do indivíduo. Ainda, segundo estes autores, quando os desafios são iguais e maiores que zero, a experiência é ótima e é chamada de **fluxo**.

Podemos imaginar alguns momentos de entrada em fluxo quando, por exemplo, vemos uma bailarina no palco extremamente concentrada ou um jogador de xadrez absorto com suas peças ou, ainda, um indivíduo lendo um livro parecendo mergulhar em suas páginas. A definição de estado de fluxo é complexa. Resumidamente, é um alto estado de concentração, enquanto se realiza uma atividade prazerosa, condição para que exista este estado (CSIKSZENTMIHALYI, 1975).

A aula de Educação Física é a que mais nos aproxima de nossos corpos e dos corpos de outros. O prazer sentido é indiscutível. A liberdade do corpo, o erotismo do corpo, o erotismo do toque é ainda algo totalmente proibido nas escolas. A conexão com o prazer sexual parece ser a responsável por esta falta de liberdade. " As crianças se envolvem completamente com os jogos e brincadeiras, se envolvem de corpo e alma" (LOWEN, 1984, p. 14). Mas que corpo e que alma?

Colocam sempre que o corpo é inferior, feito de coisas materiais, perecíveis, e que a alma, esta sim, é superior. Mas concordo com FREIRE (1991), que em suas pesquisas nada viu que justificasse dualismos tais como corpo e alma, natureza e espírito, enfim, que separassem o sensível e o inteligível. Afinal, o mesmo corpo que é a sede do sensível é também a sede do inteligível.

"O corpo é o sensível e o inteligível. Na nossa tradição intelectual, o corpo não é tratado como inteligível e o espírito não é tratado como sensível. Temos passado tanto tempo pensando assim que se tornou difícil reconhecer mesmo o sensível do corpo ou o inteligível do espírito."
(FREIRE, 1991, p. 30).

Em minha opinião, o prazer é algo desejável por todos os seres humanos, do mais humilde ao soberbo. Da forma como entendo não há distinção de credo, cor, sexo ou idade, mas sim no significado do prazer para os indivíduos.

Para uns há prazer ou satisfação na aquisição de bens materiais, para outros existe o prazer quando realizam um sonho como conhecer um país diferente, para outros ainda o prazer está em auxiliar o próximo ou entrar em transe espiritual. Sendo a humanidade tão grande, com culturas tão diferentes entre si, não podemos esperar que a satisfação seja igual para todos, mas imagino todos os homens, com raras exceções, sempre em busca da felicidade, desde que o mundo é mundo.

Tendo em vista este pressuposto, voltei-me para uma pequena parte deste mundo, um mundo particular chamado aula de Educação Física. Nela imagino que também deva haver prazer. Entendo que o mundo da Educação Física, que gira em torno do movimento, possui um grande desenvolvimento na escola, mas não se restringe a ela. Agora, entendo também que, se o trabalho desenvolvido na escola fosse mais eficiente, muito mais pessoas seriam felizes com a utilização do movimento durante o processo escolar e após o processo, ou seja, defendo o prazer na realização do movimento pois não consigo aceitar a ideia das pessoas realizarem algo de forma livre e espontânea sem sentirem prazer.

É possível aprender através da dor, ou apesar da dor; é possível realizar uma série de atividades por necessidades financeiras, de auto-afirmação, ou até por necessidade de preservação da saúde, mas de livre e espontânea vontade creio que só realizamos o que nos dá prazer.

Pode ser que eu esteja equivocada, mas um indivíduo só começa a correr 5 mil metros por dois motivos: ou por ordem médica ou por prazer, mesmo que posteriormente esta corrida venha a ter recompensas extrínsecas como fama e dinheiro.

Voltando ao mundo escolar, a idéia que possuo é a das atividades serem realizadas com prazer e, ao final dos anos de escolarização possam fazer parte do dia-a-dia dos indivíduos. Temos passado também tanto tempo preocupados com medidas, técnicas e táticas que nos esquecemos de coisas pequenas como o prazer nas aulas. Sendo assim, pretendo descobrir, pelo discurso dos alunos, se existe prazer nas aulas de Educação Física; se existe, como se apresenta; se não existe, por que isto ocorre, e em quais condições.

CAPÍTULO I I

A TRAJETÓRIA

"Porque temos mais idéias do que palavras para as expressar, é necessário alargar as significações das que temos para além do seu uso comum" (RICOEUR, 1987, p.60).

Não podemos negar que os passos metodológicos de uma pesquisa são importantes e requerem uma atenção especial do pesquisador. Entendo a metodologia como um caminho através do qual conseguimos atingir o objetivo da pesquisa; entendo também que, apesar de haver traçado um caminho, isto não significa que ele tenha que ser seguido sem avaliações e, se necessário, com mudanças. Desorevo portanto, a seguir, a trajetória que idealizei como correta para o alcance do objetivo deste trabalho.

Em primeiro lugar, classifíco este trabalho como pertencente à área de Ciências Humanas, pois o que busco entender diz respeito ao homem enquanto ser pensante, enquanto um indivíduo que representa seu pensamento através de gestos e palavras. Segundo MARTINS & BICUDO (1989) as Ciências Humanas não são uma análise do que o homem é na sua natureza, mas sim uma análise do que o homem é vivendo, falando, trabalhando, envelhecendo e morrendo, assim como buscando conhecer o que a vida é. Se se quiser fazer Ciências Humanas deve-se decifrar, tanto quanto possível, o conjunto de traços verbais dos pensamentos deixados pelas pessoas, na sua vivacidade representativa.

Creio que também possamos, na medida do possível, decifrar o conjunto de traços motores pois igualmente representam uma parte do pensamento.

Para LADRIÈRE (1979), o problema central da metodologia das Ciências Humanas é definir se elas possuem o mesmo modelo das Ciências da Natureza, e muitas vezes esse problema é colocado sobre a objetividade e a subjetividade. Ora, o objeto de estudo das Ciências Humanas identifica-se como o próprio sujeito científico, e neste caso não é possível esquecer sua situação existencial.

"Por um lado, a realidade que se estuda só pode ser abordada através da compreensão que dela tem o sujeito, mas esta compreensão é determinada pelo conjunto da situação no qual ele está mergulhado, situação que precisamente ele se esforça por compreender. Por outro lado, à medida que o conhecimento progride, modifica o objeto, já que o conhecimento que o sujeito adquire da sua própria situação (isto é, de si mesmo enquanto objeto), transforma-o ao mesmo tempo como sujeito cognoscente e objeto conhecido". (p. 240)

Isto torna as Ciências Humanas diferente das Ciências Naturais, pois a primeira apoia-se não somente no modo de apreensão do objeto, mas também em suas características reais e no próprio conteúdo em que se dá a apreensão. Esta apreensão é realizada através da compreensão por reconstituição, que é o método hermenêutico (LADRIÈRE, 1979).

É também uma pesquisa no campo da Educação, mais precisamente da Educação Física Escolar; para tanto, o esforço é o de articular as questões pedagógicas que acompanham o pensamento dos alunos, uma vez que o interesse pelo prazer nas aulas é acompanhado de uma série de articulações de como o aluno sente isso, de como o professor transmite isso, e outros fatores que interferem na aquisição deste prazer. Isto forma o contexto educacional, que na realidade espelha tradições culturais.

Segundo MARTINS & BICUDO (1989) a pesquisa sobre seres humanos precisa ser entendida como a relação entre seres humanos e a Educação como uma construção social, desenvolvida sobre sua própria história e com meios institucionalizados de disseminação de conhecimentos.

" (...) há necessidade de haver variação nas pesquisas que estão sendo desenvolvidas. Essa variação é legítima, pois diferentes grupos de interesse, (professores, administradores, políticos, pais e outros) relacionam-se de forma diferente com a educação e, sendo assim, divergem em suas linhas de interesse. (MARTINS & BICUDO, 1989, p. 63)

Uma forma técnica de pesquisa não tem produzido grandes resultados. Neste caso, há de se redimensionar a pesquisa educacional e pensar-se que o conhecimento direto dos processos educacionais é extremamente relevante para os que neles estão envolvidos. A alternativa discutida pelos pesquisadores atualmente é a que diz respeito à sala de aula e às possibilidades de relacionamento, como um critério alternativo de pesquisa, diferente da pesquisa quantitativa.

Esta pesquisa é, portanto, uma pesquisa qualitativa, onde o recurso básico empregado é a descrição, onde os dados são coletados através da comunicação entre sujeitos e o tratamento destes dados é realizado pela interpretação. O recurso utilizado para esta comunicação entre os sujeitos, neste caso, é a linguagem. "Isto não quer dizer que se esteja colocando a linguagem como o objetivo das Ciências Humanas" (MARTINS & BICUDO, 1989, p. 43) .

Para POSSENTI (1990) não podemos, entretanto, considerar isoladamente o discurso linguístico do contexto em que ele ocorre. A linguagem não seria portanto suficiente para a interpretação; assim, o contexto pode completar, modificar ou justificar o discurso. Neste trabalho as crianças são entrevistadas logo após a participação em uma aula de Educação Física. A pesquisadora assiste à aula sem que o aluno saiba que vai ser entrevistado (sendo o aluno de número 1 ou 6 da

chamada). São anotadas as expressões e o modo como o sujeito participa da aula, estas expressões serão analisadas também como parte integrante do quadro de interpretações significativas.

Ao falarmos, tornamos público o significado de uma experiência que, no entanto não pode ser experienciada por outro, pois foi vivida por mim e como tal permanece privada. ... "a linguagem é o processo pelo qual a experiência privada se faz pública" (RICOEUR, 1987, p.30).

O simbolismo opera através da linguagem; não há mistério nas palavras, escrevemos um poema com as mesmas palavras encontradas em qualquer dicionário, mas "há um mistério da linguagem, a linguagem diz, diz algo, diz algo do ser" (RICOEUR, 1978, p.68). O ato de falar produz enunciados inéditos, o que é essencial na linguagem. Quando a linguística se constituiu em uma ciência, deixou para trás a produção da cultura e do homem para se preocupar com o signo; deixou para trás a intenção primeira da linguagem que é **dizer alguma coisa** (RICOEUR, 1978). A abertura a esta situação é dada pelo discurso que permite uma interpretação.

Assim, meu próximo passo é o da interpretação das respostas dadas pelos sujeitos, que possibilitarão o conhecimento do fenômeno⁽²⁾ pretendido. A interpretação, segundo RICOEUR (1978), é ...

" (...) é o trabalho de pensamento que consiste em decifrar o sentido oculto no sentido aparente, em desdobrar os níveis de significação implicados na significação literal" (RICOEUR, 1978, p. 15).

(2) Fenômeno, vem da expressão grega *phainomenon* e deriva do verbo *phainestai*, significa aquilo que se mostra, que se manifesta (MARTINS & BICUDO, 1989) não é mais, então um modo de conhecimento, mas um modo de ser, o modo desse ser que existe compreendendo" (p. 10).

Em RICQUEUR (1978) entendemos que o principal problema da interpretação é o da relação entre a força e o sentido, entre o significado e a capacidade de encadear estes significados. A problemática não é mais a do sujeito e objeto, mas a do ser, ..."esse ser que existe como o modo de compreender o ser. Compreender não é mais, então um modo de conhecimento, mas um modo de ser, o modo desse ser que existe compreendendo". (p.10)

Pelo símbolo que possui um sentido direto, primário e literal, apreendemos um outro sentido, secundário e figurado que só pode ser apreendido através do sentido do primeiro, e este é o trabalho da hermenêutica.

Os dados coletados são tratados segundo a análise categorial, o conteúdo é agrupado de acordo com o sistema do próprio pesquisador. "É possível que o entrevistado tenha descrito acontecimentos que ilustrem diferentes pontos de importância para ele, o que o pesquisador detecta" (MARTINS & BICUDO, 1989, p.57). As respostas são então categorizadas e interpretadas.

Para a participação no estudo foram escolhidos escolares na faixa etária de 10 a 15 anos, de ambos os sexos, que se dispuseram a ser entrevistados, matriculados no 1o. grau ou 1a. série do 2o. grau, de quatro escolas particulares e quatro escolas estaduais, sendo entrevistados no mínimo quatro e no máximo dez alunos de cada escola, totalizando 58 (cinquenta e oito alunos). Esta particularidade deve-se ao tipo de técnica que foi empregada (entrevista semi-estruturada), pois o respondente poderia ser sucinto nas respostas, o que não permitiria uma boa análise.

A constituição do grupo entrevistado é a seguinte: 4 escolas públicas estaduais, 4 escolas particulares

29 alunos de escolas públicas, sendo 14 alunos do sexo masculino e
15 alunas do sexo feminino

29 alunos de escolas particulares, sendo 14 alunos do sexo masculino e 15 alunas do sexo feminino

09 alunos de 5ª série do 1º grau (pública e particular)

13 alunos de 6ª série do 1º grau (pública e particular)

12 alunos de 7ª série do 1º grau (pública e particular)

15 alunos de 8ª série do 1º grau (pública e particular)

04 alunos de 1ª série do 2º grau (particular)

Foi utilizada a entrevista com roteiro, semi-estruturada, onde havia perguntas estruturadas, mas o pesquisador, se necessário intervaio (Anexo 01). Esta técnica permite ao pesquisador receber informações que não sejam inteiramente esperadas. Na entrevista, o informante tem liberdade de fala e expressão, diferentemente das respostas obtidas em questionários. Por outro lado, o pesquisador pode intervir na medida em que perceber que as informações fogem ao objetivo do estudo (QUEIRÓZ, 1983). As entrevistas foram gravadas (em gravador de bolso), com a condição de serem sigilosas. Houve também um estudo piloto, onde foi possível verificar quais as perguntas mais adequadas ao estudo.

As respostas foram transcritas imediatamente depois das entrevistas, pelo próprio entrevistador para que não se perdessem detalhes das informações fornecidas. Após as descrições foram feitas diversas análises interpretativas, com idas e vindas às respostas, na intenção de não se perder detalhes importantes. Configuraram-se então duas categorias principais, com sub-categorias. Por fim, apresento as conclusões advindas das entrevistas.

CAPÍTULO I I I

DOS DISCURSOS...

"Quem te ajuda a gostar das aulas?
Meu pai.
Por quê?
Se não me acorda, eu não vou".
(*su.* 21)

Visitar as escolas para colher as entrevistas foi, sem dúvida alguma, uma experiência fantástica, que não posso deixar de relatar, mesmo sabendo que não faz parte do caminho traçado neste trabalho. No entanto, o que observei nestas visitas daria para compor outro trabalho e não posso omiti-lo.

O primeiro encontro que mantive em todas as escolas foi com os(as) diretores(as), que por sinal me receberam muito bem e, de forma geral, não colocaram nenhum empecilho para as entrevistas. Os diretores de escolas particulares, inclusive, deixaram claro estar muito interessados nos resultados do trabalho, pois encontravam alguns problemas com a Educação Física, principalmente com as dispensas destas aulas.

Minha decepção começou quando percebi que, na realidade, a começar pela direção da escola, é feito o que se quer da Educação Física, mesmo com boas intenções. Não há fiscalização quanto a horários ou número de aulas. Em uma das escolas estaduais, por exemplo, onde a professora havia se aposentado, as crianças eram reunidas em uma só turma masculina e outra feminina, de 5a. a 8a. séries. Desta forma, em pouco tempo todos os que iam para a aula faziam o que queriam e iam embora. Atualmente a professora substituta, em um trabalho que

considero heróico, tenta resgatar as crianças que nunca fizeram aulas de Educação Física para comparecerem à quadra.

Em outra escola estadual, ao indagar a uma aluna sobre o início da aula, obtive a seguinte resposta:

- A aula começa às sete e vinte, mas a professora só abre o portão às sete e meia.

Muitas crianças chegavam mais cedo do que a professora na escola e ao verem lá logo perguntavam:

- A senhora vai dar aula pra gente? Seria bom porque a professora sempre falta na nossa aula.

Em uma escola particular é a direção que determina o conteúdo a ser oferecido, que só pode ser vólibol, basquetebol e natação. As crianças que não gostam deste conteúdo, segundo o diretor, possuem um Q.I. muito alto, fazem o que é chamado de aula de Educação Física; esta gira em torno de atletismo ou ginástica. As crianças a partir da 7a. série escolhem o que querem fazer, e do colegial em diante, podem optar também por fazerem atividades físicas em academias, centros esportivos ou se não quiserem fazer nada, não fazem.

Esta dispensa acontece também em outra escola particular, mas que, pelo menos de 5a. a 8a. série, trabalha com vários esportes, e também com dança moderna e aeróbica. Em uma terceira escola particular assustei-me com o grande número de dispensas. Para se ter uma idéia, em uma classe de 3o. colegial, composta de 31 alunos, 20 eram dispensados.

Na escola anterior, das crianças que relatei para a entrevista, dois eram dispensados, sendo que entrevistei somente uma, pois o segundo menino de minha lista solicitou transferência de escola, antes que eu fizesse a entrevista.

Enquanto assistia a uma das aulas, pela segunda vez nessa escola, uma das meninas apresentou um atestado médico dizendo que não iria fazer mais aulas pois, na anterior, havia levado uma bolada no olho. Como ela tinha algum tipo de problema no olho, sua mãe entendeu que não deveria mais fazer aulas de Educação Física e, segundo a menina, ligou para seu médico que lhe forneceu um atestado dizendo que ela tinha **bronquite** e não estava apta a fazer atividade física.

Pelo que pude observar a dispensa das aulas depende muito da direção da escola. Em uma dessas escolas, onde a direção chama até os pais para conversar sobre a dispensa, (caso o professor desconfie que o motivo não é verdadeiro), o número de afastamentos é muito menor.

Impressionou-me bastante a dificuldade em chegar às escolas e conseguir realizar logo as entrevistas. Um dia chovia e não havia aula, outro dia os professores das primeiras aulas faltavam e as crianças eram dispensadas. Em outro dia o professor tinha jogo com uma turma e não havia aula. Em uma das escolas a professora estava realizando um curso, oferecido pela delegacia de ensino, que teria duração de 15 dias e não havia verba para pagar professor eventual. No entanto, a direção da escola com recursos da APM conseguiu pagar um professor substituto, mesmo que para ele não sejam contados pontos pela substituição.

Quanto ao horário de aulas, somente em uma das escolas é junto às outras disciplinas. Nas demais escolas na maioria das vezes é realizado em outro período.

Nas escolas particulares a quantidade de material variou muito, indo desde carrinhos cheios de bola até a uma só bola de basquete e uma de borracha. Nas escolas estaduais a situação é muito pior, pois o material é pouco, além do estado das quadras ser precário em duas escolas. Uma empresta as dependências de um centro esportivo, a outra utiliza quadras de um local em Rio Claro denominado

Espaço Livre, um espaço cedido pela Prefeitura, onde existem várias quadras pintadas no asfalto, com duas traves de futebol e duas tabelas para basquetebol. Neste espaço fazem aulas três escolas ao mesmo tempo, duas escolas públicas e uma particular. A segurança para os alunos e professores é mínima; no dia anterior à minha visita, a professora havia enfrentado marginais que estavam criando briga com um dos adolescentes em aula. Por outro lado observei aulas em que, apesar de haver material na escola, eram utilizadas somente uma bola de vôlei e uma de basquete.

No tocante ao conteúdo das aulas a variação esteve a cargo de três esportes: basquetebol, voleibol e futebol, com predominância para o primeiro. A exceção foi para a dança e o handebol em apenas uma das escolas, e o que se chamou de aula de Educação Física como já citei.

Devo confessar que, muitas vezes, no retorno de meu trabalho, fiquei bastante deprimida ao não sentir grande diferença na forma como foi desenvolvida e considerada a Educação Física do meu tempo de escola e a de agora. Entretanto, ao entrevistar os alunos e ao perceber como a Educação Física é importante em suas vidas pude ainda sentir alguma esperança.

A partir das respostas dadas pelos alunos realizei uma análise e interpretação destas respostas, que me permitiram chegar a duas categorias principais, com subdivisões. Optei por esta forma de apresentação pois pareceu-me mais fácil de ser visualizada.

A primeira categoria diz respeito ao prazer enquanto seu próprio significado ou referência, nela estão incluídas as sub-categorias fluxo, motivação intrínseca e tensão-competição-outros. A segunda, inclui os testemunhos que significaram uma condição, ou interferência, para o alcance do prazer em aulas de Educação Física Escolar, ou seja: os colegas, o professor, o conteúdo e uma quarta

sub-categoria que chamarei de condições de infra-estrutura escolar.

Com o intuito de discutir os resultados, utilizarei-me de algumas citações do referencial teórico e de duas pesquisas que empregaram respostas de escolares, uma no Brasil e outra na França.

LOVISOLO et al. (s.d.), realizaram uma pesquisa na cidade do Rio de Janeiro, onde foram passados questionários a pais e alunos (de ambos os sexos) de 6 escolas estaduais, num total de 432 pais ou responsáveis e 703 alunos. Sua pesquisa foi por ele considerada como uma pesquisa descritiva. O objetivo foi conhecer valores, crenças ou representações dos atores (pais e alunos) sobre a Educação, a Escola e a Educação Física.

Em sua tese de doutorado, CAVIGLIOLI (1976) empregou, na cidade de Paris, durante os anos de 1972 a 1974, 1276 questionários, com respostas do tipo abertas, entrevistas individuais e coletivas, além das respostas de 32 juniores que participavam de competições a nível internacional. Os entrevistados foram meninos de 11 a 18 anos aproximadamente. O objetivo do trabalho foi estudar as atitudes e motivações de adolescentes frente ao esporte e à Educação Física. Os resultados foram traduzidos em porcentagens e à provas de significação estatística. Os testemunhos foram submetidos a uma análise de conteúdo.

Em meu estudo a nomenclatura utilizada pelas crianças é bastante conhecida, ou seja, *treino* significa aula e *física* significa Educação Física. Prato cheio para os que desejam mudar o nome da disciplina...

O prazer enquanto sua própria referência

Gostar ou não, eis a questão

Minha primeira inquietação foi a seguinte: como saber se os alunos sentem prazer em aula, sem antes ter a certeza de que estas aulas significam alguma coisa prazerosa para eles?

Partindo deste princípio procurei descobrir primeiramente se eles gostavam ou não das aulas de Educação Física. Mas, logo perguntar se gostavam poderia significar uma indução, então, resolvi indagar quais as disciplinas que eles mais gostavam.

Esta é uma das questões que vale a pena quantificar, facilitando um pouco mais as observações. No início das entrevistas a Educação Física não foi a disciplina mais votada e sim a Matemática, seguida de Educação Artística (solicitei que fizessem duas opções). Como eu mesma estava achando estranho, resolvi após algumas entrevistas e, sem abandonar a primeira questão, indagar como ficaria uma nova ordem, de primeira a quinta, incluindo a Educação Física como disciplina.

Algumas crianças prontamente responderam ser a Educação Física a disciplina que mais gostavam, outras, ao contrário, mudaram de opinião somente depois que perguntei se haviam incluído a Educação Física. Das perguntadas sobre a possibilidade de incluir a Educação Física 64% mudaram de opinião, colocando-a como a disciplina que mais gostavam.

É interessante afirmar que, se a técnica empregada fosse a de questionário, por exemplo, isto jamais apareceria, pois normalmente todas as disciplinas são incluídas e o respondente opta por uma (ou mais), dentro do rol de disciplinas

apresentadas. Com a mudança na questão, foi possível verificar que as crianças muitas vezes não acreditam que a Educação Física seja uma disciplina ou matéria. Se a legislação que incluiu a Educação Física como área de estudo pretendia que isto acontecesse, conseguiu.

Consequentemente entendo que, para alguns alunos, muitas vezes, a Educação Física não faz parte das matérias escolares:

suJ. 13_ Inglês e Matemática.

E de Educação Física?

Sabe quando você falou eu pensei que fosse mais de escrever assim....Bom... Educação Física em primeiro lugar, em segundo Inglês, em terceiro Matemática(...)

suJ. 23_Gosto de todas, mas a que eu mais gosto é Inglês, e em segundo lugar é Ciências.

E se incluísse a Educação Física?

Aí então seria Educação Física, Inglês e Ciências.

suJ.24_Educação Moral e Ciências.

E se incluísse a Educação Física?

Aí a Educação Física seria a primeira.

Para alguns, talvez, a Educação Física nem faça parte da escola.

suJ. 25_Sei lá,... Educação Artística e Ciências.

E se incluísse a Educação Física?

Se for ver assim, de escola que não precisa fazer lição, aí é Educação Física, né?!

LOVISOLLO et al. (s.d.) em seu estudo encontrou que a Educação Física é a disciplina que os alunos mais gostam (362), seguida de Matemática (318) e Português

(315). Ao indagar, no entanto, sobre qual a disciplina que achavam mais importante a Educação Física passou para 7º. lugar (129), ficando a Matemática em 1º lugar (437) demonstrando que os alunos fazem uma distinção entre gostar e ser importante. Mesmo assim, na mesma pesquisa, tanto os pais quanto os alunos consideraram a Educação Física como importante na formação escolar (93,3% e 81,1%, respectivamente).

Em minha pesquisa, ao final das entrevistas, 19% dos alunos afirmaram gostar mais de Matemática, 18% de Educação Física, 15% de Inglês, 13% de Educação Artística, 11% de Ciências e Português, 7% de História e 1% de Biologia, Música, Computação, Ecologia, Laboratório e Desenho.

Infelizmente não me ocorreu fazer este questionamento a ponto de perceber se a mudança acontecia com todas as crianças e adolescentes ou não e, assim, posso chegar a três opções para este grupo:

01) ou a crença da Educação Física ser a disciplina preferida dos alunos está mudando, afinal se eu não tivesse mudado a pergunta pelo menos 7 crianças não teriam votado nela;

02) ou talvez, se eu tivesse perguntado desde o início, ela teria sido a mais votada;

03) ou ainda, ela não é considerada como disciplina pelos alunos,

O fato das aulas serem oferecidas, na maioria das vezes, em horários fora do período escolar pode contribuir para o pensamento dos alunos de que a Educação Física não é uma disciplina. Não pretendo colocar aqui a discussão de qual disciplina é mais ou menos estimada, ou qual possui maior relevância na formação do aluno, não é este o caso. Acredito que todas as disciplinas contribuem para esta formação. Nenhuma pode ou deve ser mais, ou menos,

considerada. Não colaboramos para a formação parcial de pessoas e, até que se prove o contrário, Música, Educação Física e Educação Artística são tão importantes na vida do ser humano quanto aprender sua língua materna, Matemática ou História.

sujo7- A física é matéria também. Eu acho que a física não é só obrigação, eu acho que, como eu faço matemática, ciências, eu tento gostar. Eu acho que devia ter um pouco mais de compreensão, eu acho que devia ter uma união entre os amigos. Como eu posso ser boa em geografia e ajudar os outros, eles também podem me ajudar em física, dar uma força, uma cooperação.

Em CAVIGLIOLI (1976), a imagem da Educação Física é totalmente positiva lembrando liberdade (86%), alegria (84%), interesse (82%), beleza (87%) e prazer (89%). Esta imagem vai se desgastando, mas conserva um aspecto positivo à medida em que os anos vão passando.

Algumas crianças disseram que gostam tanto da Educação Física que querem ser professores quando crescerem.

sujo3_Quando eu crescer eu quero ser professora de Educação Física. Eu quero dar emoção pros meus alunos, assim como eu me sinto.

No entanto, percebe-se a desvalorização profissional neste depoimento:

sujo6_Se fosse possível eu queria ser professora de Educação Física que eu gosto muito dessa matéria, mas não como emprego fixo, porque eu quero ser dentista, mas como segunda opção eu queria ser professora de Educação Física.

De 58 crianças e adolescentes entrevistados, somente um (1,7%) afirmou não gostar das aulas de Educação Física - fato confirmado por CAVIGLIOLI 1976, onde

1% dos entrevistados desprezaram a Educação Física e Esporte. Este aluno, apesar de não gostar, sempre participou destas aulas, estudando em uma escola particular desde pequeno e tendo estas aulas regularmente. Ao assistir sua aula, notei que apresentava uma grande dificuldade na execução dos movimentos, não possuindo quase nenhum controle de corpo, nenhuma força (não conseguia chutar uma bola) ou coordenação. Suas respostas foram sempre negativas. Afirmou não gostar das aulas e se pudesse optar não as faria. No final da entrevista perguntei-lhe se alguém já lhe dissera que ele possuía problemas de coordenação motora e ele me disse que não.

suj. 15_ Eu tenho dificuldade em fazer certos exercícios, talvez seja isto que eu não gosto, eu não consigo fazer o que o professor pede.

Um outro sujeito, no começo da entrevista, afirmou não gostar das aulas de Educação Física, mas, no decorrer da mesma, ficou claro que o que ele não gostava era do conteúdo que estava sendo oferecido, pois sua preferência era pelo futebol e o esporte desenvolvido naquela semestre era o basquetebol. Assim...

suj.49_(...) não, da Educação Física eu gosto, mas só de futebol de salão, de basquete, de volei, não é comigo.

Como é o sentimento prazer enquanto sua própria referência

Fluxo

Criar um outro conceito para o termo prazer não foi o objetivo deste trabalho. Tentei descobrir como as crianças se sentiam enquanto participavam destas aulas. As respostas parecem concordar com a experiência de fluxo descrita por CSIKSZENTMIHALYI (1984) onde no fluir parece haver um equilíbrio entre os desafios de uma atividade e a habilidade do indivíduo, o que me esclareceu quanto à dúvida que me acompanhou durante todo o trabalho, ou seja: é possível alcançar um estado de fluxo participando de uma atividade imposta (a Educação Física é obrigatória nas escolas), já que uma das condições colocadas por Csikszentmihalyi para o alcance do prazer é a da atividade ser livre e voluntária?

Acredito agora que sim. Pelo menos em aulas de Educação Física isto é possível. Setenta por cento dos alunos responderam que estavam pensando no jogo quando perguntei qual a parte da aula que mais gostavam.

suj.22_ Sei lá! Vontade de fazer o gol, num tem nem como explicar. Tava pensando só na bola,só. Só penso no jogo.

suj.03 e 05_ Jogando? Ah, tava pensando em jogar, em não ser queimada.

Mas o que me chamou muito a atenção foram as respostas que coincidiram com as pesquisas que CSIKSZENTMIHALYI, (1992) e outros pesquisadores vêm realizando por todo o mundo (Coréia, Japão, Austrália e outros países da Europa), com pessoas que realizam atividades consideradas difíceis, como o alpinismo,

xadrez, dança e pessoas comuns, operários, médicos, professores:

suj.47_ Como todos se sentem, eu não sou diferente.

E como todos se sentem?

Distraído. Eu duvido que tenha alguém que não goste... eu me educo, aprendo... a aula que eu mais gosto é a aula de Educação Física.

suj.46_ Eu não estava sentindo nada, só sei que estava jogando, não lembrei de mais nada.

suj.09_ Não sei como explicar, normal como qualquer um, participante.

suj.07_ eu não fico pensando em nada, só prestando atenção no que a professora fala...

suj.19_ Ah, eu tava me sentindo uma jogadora de basquete.

suj.06-...eu esqueço o resto...

suj.13- Eu acho que eu tava pensando em tentar acertar tudo que eu tava fazendo, e prestar atenção no máximo das coisas que eu tava fazendo.

suj.28_ Jogando? Ah, solta, divertida, me sinto bem jogando. Penso mais no jogo, esqueço o resto.

suj.30._ Tava me sentindo que eu poderia ser um jogador de basquete. (Pensava em alguma coisa?) Não, só em fazer cesta.

suj.31_ Ah! Tava me sentindo bem. Quando faz uma coisa que a gente gosta, aí se sente bem mesmo. Tava pensando que um dia podia ser jogador de basquete.

Mas você pensa quando está jogando?

Lembro. Só isso.

O estado de fluxo ocorre quando uma atividade dá certo. Todos podem senti-lo independentemente da cultura, grau de modernização, classe social, idade ou

sexo. O que os une parece ser o estado psicológico. Mesmo em diferentes países, os entrevistados descrevem a satisfação de forma muito semelhante (OSIKSZENTMIHALYI, 1992).

Existem alguns componentes principais para o alcance do fluir:

- 01) nas tarefas enfrentadas deve haver oportunidade de conclusão;
- 02) o indivíduo deve estar concentrado no que faz;
- 03) o indivíduo deve possuir metas claras ;
- 04) a tarefa oferecer um retorno imediato;
- 05) o indivíduo age com envolvimento profundo, com afastamento das preocupações e frustrações da vida cotidiana;
- 06) há uma sensação de controle sobre suas ações;
- 07) não há preocupação com o self - embora seja o self que mais se beneficia com o fim da tarefa; e
- 08) a percepção do tempo é perdida; por exemplo, as horas passam em minutos

" A combinação de todos esses fatores provoca a sensação de uma satisfação profunda, tão recompensadora que os que a experimentam sentem que vale a pena gastar muita energia só para senti-la" (OSIKSZENTMIHALYI, 1992, p.79).

Ao entrar em fluxo, em aulas de Educação Física, os alunos estão experimentando uma imensa satisfação - uma experiência máxima - tornando-se felizes e completos:

sujeito 34_ Normal. (você pensa em alguma coisa?) Só penso no que eu tô fazendo.

sujeito 14_ Ah, não tava sentindo nada. Tava sentindo uma pessoa normal, só pensando nas coisas que eu gosto de fazer. Pensei um pouco em fazer as coisas certas...é que eu sou meio avoado. Não fico pensando muito não, fico mais

prestando atenção.

suj.42_ Sempre livre, brincando. Não penso em nada.

suj.53_ Não sei, eu fico pensando no jogo.

Muitos não souberam explicar o que estavam sentindo.

suj.32_ Ah! Não sei explicar....

suj.22_ Ah! Sei lá, vontade de fazer o gol, não tem nem como explicar.

Você estava pensando em alguma coisa?)

Tava só na bola. Só.

suj.36_ Se sentindo bem, explicar eu não sei.

Motivação intrínseca

Como será mais discutido posteriormente, a questão das motivações para o prazer das aulas forneceu uma gama de alternativas, entre elas o incentivo dos professores e amigos, mas para 25% dos entrevistados esta motivação não possui nenhum incentivo a não ser o interno. Não existe um compromisso com outros; a motivação é intrínseca à própria pessoa.

suj.10_ Ninguém me incentiva, eu gosto de vir à aula....

suj.11_ Eu gosto por mim mesmo, ninguém me força a gostar. Sou só eu sozinho.

suj.12_ Eu mesmo, eu gosto de ficar jogando, correr, eu gosto de praticar esportes.

suj.22_ Ah! Desde quando comecei a praticar esse esporte ninguém ajuda, eu que gosto.

suj.23_ Acho que ninguém me ajuda, eu mesmo ia gostar, ninguém me ajuda.

suj.31_ Eu mesmo gosto do esporte, sempre gostei, então eu gosto mesmo!

suj.33_ Eu mesmo, dá o melhor de mim e gostar também.

suj.54_ Eu, só eu mesmo.

suj.57_ Só eu mesmo.

suj.37_ Gosto por gostar mesmo, minha mãe também jogava.

Quanto ao aluno que não gosta, sua resposta mostrou que nunca havia pensado no assunto, o que pode significar uma fuga, para a qual nunca foi alertado.

suj.15_ Não gosto mas nunca parei pra pensar por quê. Eu não costumo gostar, trabalhar com o corpo.

Tensão, competição, outros

Quanto à questão como você se sentiu enquanto fazia a aula, além das respostas que se identificaram com a Teoria de Fluxo, outras respostas sugeriram uma tensão por parte do aluno que o faz ficar preocupado com o que está fazendo, geralmente relacionado à aprovação do que faz, por parte dos colegas.

suj.11_ Ah, um pouco de emoção e um pouco de tensão também, principalmente no treino porque se você faz algum erro no jogo o pessoal começa a vaiar todo mundo. O professor deixa, deixa quieto, mas às vezes fala pra parar também.

suj.10_ Em posição de expectativa. Você tem que ficar assim: "Ai meu Deus, eu preciso pegar esta bola, porque se eu não pegar elas vão vaiar". Mas não é nada disso certo? É uma união, nós precisamos ajudar uns aos outros e não tem nada disso, mas a gente fica numa tensão, mesmo sabendo que ... eu fico nervosa, é inevitável porque não dá pra controlar minha vontade de fazer cesta ou não conseguir fazer alguma coisa certa no jogo.

O suj. 10, de 5a. série, fez uma aula de basquetebol e muitas atividades de competição, o que pode justificar esta tensão, que por sua vez não deve ser encarada como algo negativo.

O jovem encontra no esporte, por um lado, a possibilidade de expandir uma necessidade física, por outro, uma forma de viver mais intensamente, através de tensões. (CAVIGLIOLI,1976)

O desejo de vencer, de ganhar um jogo, também não ficou escondido, apesar de poucas crianças o terem citado, o que contraria o trabalho de CAVIGLIOLI (1976), para quem os jovens demonstram uma grande preocupação com a competição e o desejo de ganhar. Na França, entretanto, parece haver uma distinção marcante entre esporte e jogo, onde jogo teria a conotação de brincadeira. Os jovens entrevistados por aquele autor consideraram o esporte não como uma distração, mas sim como uma ocupação.

Na pesquisa de LOVISOLO et al.(s./d) a competição parece ser um valor almejado muito mais pelos pais, adultos, do que pelas crianças. Na questão *o que a Educação Física teria a ensinar aos alunos ?* , na visão dos pais a competição aparece em 2o. lugar (303), em 1o. a praticar um esporte (320) e em 3o. lugar a descontração (160).

Contrariamente, para as crianças, *o que se aprende na Educação Física?* são em 1o lugar o corpo e a força (353), em 2o ter mais saúde (251), em 3o a praticar esporte (234), e a competição só apareceu em 4o lugar com (176). Se somarmos as

respostas seguintes - se divertir (115), ser você mesmo (89), ser solidário com os colegas (29), perder o medo (95) e ser descontraído (35), respostas que denotariam um caráter psicológico, segundo os autores, e não um caráter biomédico, estético ou esportivo, tínhamos 363 respostas, o que pode refletir uma tendência de incorporação deste pensamento mais humanista nos indivíduos que fazem aulas de Educação Física, tendência que considero benéfica.

Minha dúvida em relação aos conflitos existentes entre os que defendem uma visão mais esportiva e os que a consideram perniciosa, que possuem uma visão diferente ou de um ser humano mais aberto é : será que uma visão não pode englobar a outra? será que uma visão desprezando a outra não acabará chegando a nada? em uma desprezando a outra, não perderá a Educação Física, a exemplo das brigas entre teóricos e práticos?

suj.06_ ...Que tivesse competição com outras escolas. Por enquanto a gente fez competição só com a outra professora de basquete, nosso resultado não foi bom, a gente perdeu mas teve também com outras classes, 5a., 6a., 7a. eu gostei, vinha todo dia.

O desejo de vencer estará sempre presente em qualquer jogo ou esporte, entretanto este não parece ser o princípio norteador da vontade de participar. A competição está presente e deve estar, mas não como forma ímpar de estratégia; não é possível utilizar a competição por toda a aula, nem transformá-la em objetivo único da Educação Física.

suj. 33, 56 e 58_ Vontade de ganhar.

suj.12_ Eu tava tentando jogar o melhor que podia. Eu tava pensando em ganhar.

Entre os escolares a prática competitiva parece diminuir enquanto a cooperação aumenta. O diálogo substitui o conflito, a discussão toma o lugar do confronto (CAVIGLIOLI, 1976). A discussão sobre a cooperação será retomada quando for discutida a interferência dos colegas para o alcance do prazer.

Além do momento de concentração parece existir um outro momento onde a realidade vem à tona:

suj.17_É... tem vez que quando tem prova a gente pensa um pouco, fica preocupada...

suj.24_ Muito gostoso.

Você pensava em alguma coisa?

Tava, que depois da aula eu tenho que estudar pra prova.

E você fica pensando nisso quando está lá?)

É.

suj.37_ Tava tentando fazer o melhor que eu posso. Tava pensando que poderia jogar melhor, tava tentando. E na prova de amanhã.

Estes momentos não permitem a entrada em fluxo, pois não há total concentração por parte da criança.

As interferências para o alcance do prazer

A partir de todos os motivos alegados pelos entrevistados sobre o que o ajuda a gostar ou não da aula, sobre o que atrapalha, e também sobre o que surgiu na última questão, organizei sub-categorias na tentativa de mostrar quais são estas interferências, percebidas pelo ponto de vista destes jovens.

Os componentes destas sub-categorias ora ajudam ora atrapalham, assim, os colegas, para muitos dos entrevistados ajudam, e muito. No entanto, para outros, alguns colegas simplesmente só atrapalham. Outros fatores são também importantes, ou seja, os professores, o conteúdo e a infra-estrutura escolar.

Os colegas

A presença dos colegas é um fator decisivo no alcance do prazer em aulas de Educação Física. Considero esta sub-categoria como uma das mais importantes, ao lado do professor, confirmando a característica do ser humano em conviver em sociedade e a característica do adolescente em procurar a companhia de seus pares.

Dos sujeitos entrevistados, quatorze afirmaram que a companhia dos colegas é fundamental, que o que mais o auxilia no sentir prazer nas aulas é a presença dos colegas.

suj.44_ Não sei... os colegas da classe, meus amigos.

suj.45_ Acho que minhas colegas. Depois que acaba a aula a gente fica jogando mais.

suj.55_ Os companheiros. O que mais interessa é a relação entre amigos.

suj.01_(...) Quem me ajuda são umas amigas minhas como a..... e a que fazem a gente se divertir mais na aula.

suj.07_ Umas amigas minhas, da minha classe, a gente tá sempre conversando. Então eu falo assim: _ Vamos na física, é legal! Eu dou força pra elas, elas dão força pra mim, os amigos ajudam.

suj.13_(...) todas as minhas amigas, elas são também legais e então acho que elas colaboram pra que eu goste mais da Educação Física. Acho que me encontro mais com elas. Eu tenho mais chance de conversar com elas, me divertir.

suj.18_ Ah! Eu gosto de jogar com as minhas amigas, o ambiente é legal.

suj.19_ (...) os colegas, se a gente não sabe, os colegas ensinam.

suj.35_ Minhas colegas, (...)

suj.36_ Os colegas,...

suj.43_ Os colegas, eu gosto da aula.

Por outro lado, há grande interferência por parte dos colegas de turma que não possuem uma participação cooperativa na aula. Este ponto foi muito mais comentado pelos entrevistados, o que me leva a crer que interfere sensivelmente na aula. A questão de ajuda por parte dos colegas, do entendimento quando alguns erram, das brincadeiras fora de hora e propósito demonstram bem este ponto:

suj.01_ Eu acho que tem meninas aí que elas se acham o máximo só porque sabe jogar, então eu acho que elas deviam pelo menos tentar ensinar, não só querer fazer. Tem meninas aí que quando sabem querem sacar na gente, mesmo para marcar. Eu queria que elas ensinassem, não só pra se mostrar, eu acho que a aula ficaria melhor.

Tem umas meninas da classe que me ajudam a não gostar, não dá, sabe quando não colam? Elas ajudam a não gostar, tornam a aula chata, começam a falar.

suj.08_ O que atrapalha é pergunta engraadinha dos que querem estragar

tudo, que não fazem as coisas certas, que querem atrapalhar os outros que fazem certo. O professor tem que parar pra chamar a atenção ...

suj.09_ Os que dão uma de bom, os que fazem brincadeira chata, não dá. Essas brincadeiras chatas dos meninos atrapalha.

suj.12_(...) uns amigos que ficam falando asneiras.

suj.32 Quando tem muita conversa quando a professora tá lá falando, aí atrapalha a aula.

suj.35_ Os que não querem fazer.

suj.20_ Quem não leva a sério, quem fica conversando, não participa direito.

suj.21_ As molecada que quando a professora tá dando alguma matéria diferente assim, eles ficam bagunçando, nós não entende nada.

Pra fazer ela melhorar (a Educação Física) tem que ter muita responsabilidade porque tem algumas molecadas que não estuda aí direito, só fica bagunçando.

suj.54_ Quando é muita brincadeira assim, atrapalha.

suj.57_ Às vezes a moçada não leva muito à sério a aula, começam a brincar, maior bagunça, tem aula que é legal.

Apesar de transparecer que não há incentivo à cooperação, os alunos conseguem de certa forma percebê-la como importante:

suj.45_ Sei lá, a gente queria ganhar e tem uma menina da nossa classe (do time adversário) que é boa, a professora acha que ela é a melhor e eu falei com minhas colegas que não é ela que é boa, todo mundo junto, que o time junto que é bom, né. Acho que o que falta é mais união das meninas, tem aquela que joga bem e fica separada, não devia existir isso. Sempre tem uma melhor que as outras, que nem no meu time, todo mundo falava que a era ruim, mas todas participaram, precisa se unir. Pra ficar melhor deveria ter isso, participar mais.

suj.07_ Eu gosto da física, sempre gostei, mas tenho um pouco de dificuldade. Eu acho que as meninas deviam compreender os que não conseguem se desenvolver tão bem na quadra.

A falta de providências no sentido de incentivar a cooperação pode levar a uma preferência pelas atividades individuais, onde praticamente não há interferência dos colegas:

suj.14_ Atrapalha é que tem gente que quando você faz alguma coisa errada, aí você erra e eles ficam vaiando, fica falando que você não consegue fazer melhor. Isso aí enche o saco. Na musculação eu não fico de saco cheio.

Os desentendimentos ocorridos nas aulas foram lembrados como pontos que atrapalham e, conseqüentemente, interferem para que a aula se torne mais prazerosa.

suj.11_ O pessoal que fica brigando, xingando aí.

suj.30_ Alguns alunos que é bagunceiro, que se não tivesse isso taria bom, faz bagunça, começa a xingar, chuta a gente.

suj.33_ Eu acho que tem pessoa que é chata, às vezes penso que não devia vir fazer Educação Física aquela pessoa, fica xingando a gente, não gosto de pessoa chata, principalmente quem é maior que a gente e quer dar uma de bom e não sabe jogar.

suj.34_ As brigas né?! Briga, quando algum começa brigar perde mais tempo.

suj.40_ Os valentinhos! Mete o pé, começa a chutar, sai briga, depois fala que a gente é culpado.

suj.19_ As meninas que ficam xingando.

suj.56_ As pessoas, até eu mesmo atrapalho, quando alguém grita comigo fico super nervosa. As vezes quer se mostrar querendo fazer certo e faz errado.

A cooperação parece mesmo não ser um valor muito desenvolvido na escola LOVISOLO, et al. (s.d) encontrou em 1727 respostas a o que se aprende na Educação Física ?, apenas 29 respostas do tipo " ser solidário com os colegas". Para as crianças por mim entrevistadas a cooperação apareceu como algo desejável, mas que não acontece com muita frequência.

O comportamento dos colegas que ficam do lado de fora, assistindo, pode interferir, principalmente se for de forma ostensiva:

suj.02_ Adeixar os meninos ficar assistindo porque eles ficam tirando sarro.

suj.50_ Quando tá jogando muitas meninas ficam xingando a gente, falando coisa, quando tá jogando basquete fica entrando na quadra, atrapalha.

A presença dos colegas é tão importante que influenciaria na tomada de decisão de trocar ou não as aulas por outra atividade física em outro local que não a escola. Isto denota a influência das relações sociais existentes em aula (CAVIGLIOLI, 1976; LOVISOLO et al., s.d.). Estas relações sociais tornam-se mais significativas pelo próprio ambiente onde a Educação Física é desenvolvida, em local geralmente aberto, com maior liberdade de expressão:

suj.08_ Dependendo do ambiente da turma, senão eu ficaria aqui mesmo, já conheço todo mundo, a turma toda. Se fosse um professor legal, uma turma que não tivesse gozação até que poderia, não mudar na hora (...) eu ia pensar no assunto.

suj.14_ Não, não trocaria não. Trocar eu trocaria mas se eu pudesse vir fazer aqui também. Não deixaria de fazer Educação Física aqui não, aqui tem meus amigos, eu gosto de fazer Educação Física com eles. Agora lá não, seria mais pra fazer outras amizades.

suj.18_ Eu gostaria mas aqui eu conheço todo mundo...só trocaria se fosse muito bom.s

suj.39_ Ah, eu não, não trocaria, eu gosto daqui. Tem as meninas que são legal.

suj.40_ Porque a gente já tem amigos, vai em outra, que não tem amizade.

suj.44_ Não. Porque eu gosto né e também fico mais perto dos meus colegas, por exemplo, sábado e domingo fico sem eles assim, sinto falta.

suj.55_ Preferiria ficar aqui mesmo, já conheço todo mundo.

suj.57_ Depende do lugar, porque aqui tenho muitos amigos, se eu sair daqui vou pra outro grupo.

Onze crianças trocariam as aulas de Educação Física por outra atividade física desenvolvida em outro lugar, mas quatro crianças afirmaram que ficariam com os dois, três iriam pensar no assunto, um se pudesse não faria em lugar algum e o restante não trocaria. Algumas crianças (16) já fazem atividade física em outro local e continuam fazendo a aula de Educação Física normalmente, mesmo os que poderiam ser dispensados pelos professores:

suj.58_ Acho que sim, trocaria. Ali já estou enjoado, só fica jogando só.

Esta aluna afirmou que a quantidade de atividade física que faz (ela também treina voleibol, representando a cidade) não a prejudica:

suj.17_ Eu gosto bastante de fazer volei, às vezes eu venho antes pra cá, não me atrapalha, eu estudo antes da aula de Educação Física. Nunca fiquei de exame e em algumas matérias fecho o ano no 3o. bimestre. Meu pai fala que não é legal também aprender uma só coisa, mas eu gosto bastante de volei...é só.

Para os alunos entrevistados a problemática de "meninos prá lá, meninas pra cá" pareceu-me fortemente ligada a um preconceito por parte das meninas. Dezesesseis meninas responderam negativamente à questão 07. Dentre os meninos, dez responderam que não fariam aula junto com as meninas.

Para as meninas o fato de fazerem aula junto com os meninos as deixariam menos livres, além deles serem muito brutos, bagunceiros e sem-vergonhas. Algumas já haviam passado por esta experiência e realmente não gostaram.

suj.01_ Eu não gostaria não, porque na aula tudo bem, mas acho que quando chega na classe eles ficam tirando sarro da gente. Só de assistir eles já começam...

suj.02_ Deus me livre, eu não fazia. O ano passado eu não fazia Educação Física porque era com os meninos. Agora, este ano que separou. Eles ficavam tirando sarro porque eles acham que eles sabiam jogar, as meninas não sabiam, então ficavam tirando sarro.

Não tinha jeito, tinha bastante menino por menina, pra jogar não ia dar, os meninos é tudo bruto, batem. Então se fosse com menino eu não fazia.

suj.07_ Prefiro com as meninas, acho que tem mais liberdade, tá errando, tá entre vocês, uma conhece a outra, uma entende a outra, menino não..

suj.18_ Ah, eu já tive aula aqui na escola, é legal mas os meninos jogam muito bruto, na cara da gente. Se eles não usassem violência pra jogar, aí daria certo.

suj.19_ Não queria. O ano passado a gente fazia junto com os meninos. Eles empurravam, chutavam.

suj.31_ Eu não acho certo, porque os meninos são sem-vergonha e com menina não pode jogar porque mulher com homem, até que volei dá, mas basquete. Teria que ser menino com menino, menina com menina.

suj.32_ Ah, acharia um absurdo, porque os meninos são bruto, não daria certo não.

suj.39_ Eu não gostaria, os meninos já quer saber de jogar futebol e as

meninas handebol, aí já fica diferente. Os meninos fica xingando, fica atrapalhando.

suj.44_ Ia virar bagunça, eles atrapalham, alvoraçam as coisas, né. Pra fazer assim, as meninas não são bagunceiras, os meninos são. Pra jogar eles jogam melhor que a gente, mas pra fazer física eles não são bons pra fazer com a gente. As aulas são terça e quinta, só uma vez fiz com os meninos.

O fato de alguns já terem passado pela experiência de aulas mistas, e não terem gostado, demonstra que sem uma reflexão sobre o assunto, sem uma intenção de resolver os conflitos que possam surgir não adianta nada somente juntar as turmas. Isto confirma a tese de ABREU (1991) segundo a qual:

(...) "aulas mistas, por si só, não garantem uma postura avançada quanto à evolução dos costumes que, a meu ver, se apresentam de forma a melhorar o nível de qualidade de vida das pessoas através da utilização do tempo livre, com a participação de ambos os sexos (p.126).

As únicas meninas que afirmaram até gostar de jogar com os meninos foram as que já treinam em outro local, e percebem os meninos como ajudantes, pois, como possuem mais força, as treinariam melhor.

suj.17_ Acho que seria bom porque os meninos têm muito mais força. Quando eles cortam, se você pegar a bola deles em um jogo acho que teria mais facilidade de pegar a bola das meninas.

suj.45_ Ah, eu acho legal porque de quarta tem treino de volei e aí os meninos vindo a gente joga com eles.

suj.38_ Ah, acho que seria bom, eles são mais fortes, jogam melhor, que se você vai jogar com um time mais forte, fica com medo da cortada, se vai machucar, acho que aí melhoraria nesse ponto, a força deles.

Para muitos meninos é indiferente fazer aula junto com as meninas, mas ficou latente para alguns, uma vontade de experimentar:

suj.09_ Acho engraçado né, mistura assim de repente, né. É um pouco legal, eu gostaria. Seria melhor sim. Prá gente saber de verdade o que aconteceu na aula porque quando chega lá na classe elas falam que a aula delas é melhor que as nossas.

suj.55_ Não ia ter problema, ia dar apenas disputa nas atividades que ia fazer.

Para outros, as meninas só atrapalhariam pois chamariam muito a atenção dos demais que não participariam bem da aula:

suj.40_ Ai vira bagunça. Quando as meninas vem aí ninguém quer saber de jogar, só quer saber de conquistar as meninas.

Até que para alguns não seria má idéia, despertando o interesse sobre o sexo oposto:

suj.14_ Ah, ia melhorar bastante, aí tudo bem, ia melhorar 300%.

(Por quê?)

Nada, pelo fato de ser menina, não sei como falar, ia ser boooooommmmm, muito bom. Seria ótimo!

suj.20_ Eu queria. Melhor. Ficar vendo homem toda hora não dá.

Alguns com motivo, outros sem, não gostariam nem de experimentar:

suj.27_ Difícil, acho melhor separado

(Algum motivo especial?)

Sei lá, acho que não.

su.33_ Ia dar uma trabalhada, acho que tem jogo que homem e mulher junto, não dá pra jogar junto, basquete não pode, futebol então...mulher não serve pra jogar futebol não. Já vi mulher jogar, não dá muito certo não. Eu vejo assim, não dá pra jogar não, fisicamente assim, não dá certo.

su.34_ Ruim. Sei lá, é ruim porque daí vai ter muita gente também, é ruim, atrapalharia no jogo também.

Dos meninos entrevistados por CAVIGLIOLI (1976) 61% foram desfavoráveis a classes mistas. Como sugere ABREU (1991), a divisão de turmas de Educação Física poderia passar por outros tipos de critérios que não o de sexo, a exemplo do que já ocorre em algumas Universidades e em alguns locais como Centros Esportivos, que não mais o utilizam e onde as crianças convivem em harmonia. Este é sem dúvida um critério baseado em um contexto cultural, com raízes desde o nascimento da criança, mas que pode ser modificado na tentativa de uma melhor convivência entre as pessoas.

O professor

Assim como com os colegas, o professor apareceu como um dos personagens principais deste trabalho. Todos os alunos foram informados sobre o sigilo quanto aos nomes que, por ventura, pudessem aparecer no trabalho, inclusive o seu. Isto talvez os tenha deixado à vontade para citar, quando necessário, alguns nomes. Foi o que ocorreu em relação principalmente aos professores. Grande parte foi citado como um dos responsáveis pelo gostar da aula, assim como muitas vezes foram citados como os que não auxiliam no ganho de prazer.

Como a questão era aberta, e não envolvia diretamente o professor, vou embasar-me somente nas respostas que, espontaneamente, citaram o professor, iniciando pelas que o elogiaram, não sendo possível fazer comparações

quantitativas. A resposta à questão o que ou quem ajuda você a gostar das aulas, além de trazer o professor como alguém que ajuda, inicialmente trouxe também comparações entre o professor atual e outros:

suj.02_ O professor, os colegas. O professor que dava aula o ano passado, Deus me livre, era muito carrasco.

suj.06_ Ah, o tipo da professora né, depende, se a professora for chata não dá (...)

suj.09_ 53_ O professor é legal (...)

suj.19_ (...), a professora.

suj.24_ Porque se diverte muito. Ah! a professora.

suj.14_ Sei lá, nada, ... o professor é legal então eu tento fazer certo as coisa. Só isso.

suj.25_ O professor, (...)

suj.35_ (...) a professora também.

suj.36_ (...), a professora, tudo.

suj.39_ É que eu gosto de jogar, né, eu gosto de jogar bola, a professora também é muito legal.

suj.47_ o professor, (...).

suj.52_ (...) o incentivo dos professores (...)

suj.48_ O professor é legal, faz jogadas, assiste tudo. Na outra escola a professora não fazia jogada, ela só falava que ia dar uma coisa e pra fazer o que ela falava.

suj.41_ 42_ A professora é legal, (...)

Para alguns a resposta quanto ao que o ajuda a gostar da aula foi uma só:

suj. 03, 05, 30 e 33_ O(a) professor(a).

suj.38_ A minha professora Porque ela é legal, dá uma aula super legal!

suj.16_ Os professores. Eu gosto bastante dae do

Houve também muitas críticas ao professor. A participação do professor durante a aula, seu jeito de conversar com as crianças, suas impaciências, seu interesse ou desinteresse não passam de forma desapercebida pelas crianças. Da mesma forma como eles percebem e reconhecem que o professor é peça fundamental para que gostem ou não da aula, também a conduta do professor é importante para a conduta do aluno. Alguns até imaginam que uma mudança de conduta do professor poderia ajudar na aula:

suj.01_ Eu acho que Educação Física tem que ser mais liberal do que na classe. Na classe todo mundo é meio quieto, né? Agora, Educação Física eu sempre tive, depende se o professor se faz amigo da gente, se ensina, não é assim só pra se mostrar.

Pra mim gostar mais da aula eu acho que a gente tinha que ter mais amizade com o professor, que o professor desse mais liberdade, sabe, desde a 5a. série que a gente tinha amizade com o professor, agora com a....., ela é meio assim, tem dia que ela está legal, tem dia que ela começa a gritar com a gente. Tem dia que a gente não sabe mesmo; ela fala que não é assim, que tem que fazer certo, que não tem errado pra ela. Eu acho que todo mundo erra, não tem essa de que não tem errado, eu acho que ela pensa que todo mundo é perfeita, eu não sou.

suj.07_ Tem que ter um pouco mais de paciência por parte da professora, geralmente a que tem que tornar a coisa mais fácil. A Educação Física melhoraria. A professora às vezes, perde a paciência, mas ela sempre tá tentando ajudar nós, ver quem tem dificuldade.

su.j.40_ Melhorar uns professores aí. Não vem na hora certa, não dá física, manda fazer um time, já solta já...

su.j.45_ Ah! Não sei, acho que a professora devia participar mais, ela participa, ajuda a gente, mas de longe, não ensina direito. Fica só falando e quando erra fica brava.

su.j.56_Depende muito do professor, tem uns que ajudam mais e outros que não falam nada.

Como ocorreu com os colegas, em alguns casos o modo de tratamento do professor para com o aluno é responsável pela permanência ou não destes em aulas extra-escolares. Será que, se a Educação Física não fosse obrigatória, estes alunos estariam participando dela?

su.j.11_ Eu fazia natação na mas o professor começou a ficar chato, não dava mais bola pra gente, só pra turma de treinamento, aí eu sai e fui para o clube.

su.j.18_ Fazia natação mas eu parei, era sempre os mesmos exercícios 50 crawl, 50 costas. Não gostava do professor, aí eu parei.

A questão do castigo foi também anotada como desprazer:

su.j.06_ Quando as meninas, quando a gente faz aquecimento, tem menina que não corre. Por exemplo, ela determina que a gente tem que correr 3 minutos em alta velocidade, aí tem menina que não corre e ela dá como castigo que a gente tem que correr mais, mas não é só pra quem não correu mas pra todo mundo. Ela deveria não dar castigo pra todo mundo e sim pra quem não correu.

su.j.11_(...) eu só não gosto de uma coisa que ele dá, tem que pular e jogar a perna pra trás, pular de novo e jogar a perna por cima. Quando a gente perde uma competição tem que fazer um minuto daquilo lá. Eu não gosto de fazer castigo, mas eu sei perder também, eu não vou xingando o cara.

Outras afirmações que envolveram a atuação do professor surgiram no

decorrer das entrevistas, mas como disseram também respeito ao conteúdo ou organização das aulas, foram citadas nestas sub-categorias. Isto demonstra que a figura do professor é extremamente importante tendo em vista que é ele quem, geralmente, escolhe os conteúdos e é responsável pela organização da aula.

Agrupando as respostas positivas em torno dos professores e alunos, percebo que as relações humanas são um forte componente para a alcance do prazer em aula. Se os pontos negativos, fossem trabalhados e transformados em positivos e ainda juntados aos pontos positivos citados, atingiriam quase que a totalidade da aula, ficando o conteúdo e a infra-estrutura escolar apenas como empecilho para se alcançar o prazer. A aula de Educação Física é, na escola, o espaço onde as relações humanas parecem estar mais afloradas.

O conteúdo

O basquetebol é um dos esportes mais difundidos na cidade de Rio Claro, que possui um dos melhores times do Brasil. A população segue de perto os jogos, lotando o ginásio de esportes local e acompanhando a equipe nas principais partidas realizadas em outras cidades. Assim, principalmente os meninos almejam ser campeões de basquetebol, e nas escolas esta modalidade é bem difundida. O voleibol aparece em segundo lugar, principalmente para as meninas, e o futebol para os meninos. O handebol está ganhando aos poucos seu espaço. Somente uma das escolas no momento das entrevistas estava trabalhando com ele, o mesmo acontecendo com a dança.

Nas escolas particulares parece haver maior diversificação quanto às modalidades, com exceção de uma escola que trabalha apenas com basquete, voleibol e natação. Nesta escola não há chances de mudança a não ser de uma modalidade

para outra, dentro das três, ou caso o aluno não opte por nenhuma das três participará do que é chamado de "aula de Educação Física". Esta é uma aula destinada aos que não querem fazer basquete, volei ou natação; nela, geralmente, segundo o diretor e os professores do estabelecimento, estão as crianças incoordenadas, gordinhas, as que possuem um Q. I. muito elevado e não gostam de atividade física. No entanto, em minhas entrevistas descobri que lá estão também as crianças enjoadas de fazer, desde a 7ª série, os esportes oferecidos pela escola. Esta aula pareceu-me desestimulante, tanto para o aluno quanto para os professores. Dois dos entrevistados que pertenciam a esta turma demonstraram aborrecimento pelos esportes oferecidos pela escola.

suj.54_ Nada. Melhor que não fazer nada e basquete toda hora enjoa, né!

suj.44_ Mais variedade de esportes. Semestre passado era só volei, batido! ... Por exemplo: primeiro semestre deveria ser basquete, no segundo handebol, variar mais; foram dois semestres batidos só em volei.

suj.28_ Ah! Eu gosto sabe, mas às vezes enjoa, sempre a mesma coisa, às vezes fica só naquilo enjoa. Muito cansativo... Mudar assim de jogo, por exemplo, em vez de ficar sentado poderia jogar outro jogo, assim ninguém fica vago, uns fazendo esporte e outras jogando no campo queimada, não deixar ninguém vago, entende? Variar um pouco pra não ficar cansativo. Não tem o que eu não gosto, eu gosto de tudo, tem vez que enjoa ficar só naquilo, mas não tem parte que eu não gosto.

suj.27_ A professora mudar um pouco, que desde a 5a. série nunca joguei outra coisa, né, (handebol) a não ser isso, sempre a mesma coisa. No ano passado veio outra professora que dava exercício, tudo. Acho legal, mas fica muito nisso, poderia fazer outras coisas.

suj.05_ Eu acho bom fazer Educação Física, mas acho que a professora devia dar outra coisa, ginástica, dança porque jogar eu não gosto, a não ser volei e como volei não dá pra fazer aqui então eu queria que tivesse outros tipos de jogos, mais tipos e ginástica.

suj.32_ Devia ter outras ginásticas, tipos de jogos, basquete, volei.

suj.08_ Quando o professor dá coisa assim, interessante, exercícios novos, quando ele dá coisas novas.

suj.58_ Quería que ensinasse a jogar mais, chega aqui e joga só. Quando tem campeonato a professora ensina. Mas na aula nem aquece. Na maioria das vezes ela fica lá na escola, nem fica na quadra. O capitão é que tira os times. Aí o tempo fica pouco, 10 minutos pra cada time, depois tem que mudar, aí fica pouco.

Este aluno, que participava das chamadas aulas de Educação Física, preferiria variar mais as atividades:

suj.55_ Mais corrida, outros jogos. (Mas você não pode optar?) Daí vem o negócio da turma e também ficar concentrado no mesmo jogo fica cansativo, enjoa.

Nas escolas estaduais, com uma exceção, os professores desenvolvem mais a modalidade esportiva com que tem maior afinidade. Deste modo também os alunos sentem-se enojados de certas modalidades, com vontade de aprender outras.

O esporte, sem dúvida alguma é o conteúdo mais desenvolvido nas escolas e também o preferido dos alunos. De 5ª a 8ª série do 1º grau e o 1º ano do segundo grau o que dominou a preferência dos alunos foi a cultura esportiva.

Os adolescente sentem o esporte como uma imperiosa necessidade. É através do esporte que o corpo tem chance de viver intensamente, em um sistema educacional que frequentemente o negligencia. Mais de 80% dos escolares consideram a Educação Física segundo uma ótica esportiva (CAVIGLIOLI, 1976).

NUTTIN, citado por CAVIGLIOLI (1976) afirma que o esporte é um dos raros meios de descarga que a vida moderna oferece ao escolar.

Há, por assim dizer, uma identificação do significado de Educação Física com Esporte.

Para LOVISOLO et al. (s.d.):

"os dados indicam que a distinção está fracamente articulada e que os especialistas devem tanto repensar as formas que transmitem a diferença quanto o significado mais amplo do mesmo, isto é, fora da dinâmica interna ao campo dos especialistas" (p. 67).

Pela realidade de ser oferecido mais o basquetebol para os meninos e o voleibol para as meninas pode-se passar a idéia que um é um esporte masculino e o outro um esporte feminino.

suj.06_ ...menina gosta mais de volei, menino gosta mais de basquete, então fica muito dividido.

Um dos meninos manifestou sua vontade de jogar voleibol, enquanto que na escola somente as meninas o faziam:

suj.51_ Aqui só tem um time de basquete e o time de volei das meninas. Não tem um time de volei masculino, devia ter. Eu gosto de volei, só eu e mais um (menino).

Permanece sem resposta a questão de ABREU (1991) em relação à divisão de turmas. "A separação é feita por atividades diferenciadas de acordo com comportamentos preestabelecidos pelo contexto social?" (p.119).

Quando a escola oferece apenas um tipo de modalidade esportiva, fica a dúvida se os alunos preferem um determinado esporte por já terem experimentado outro, ou se preferem por nunca haverem experimentado outro. Um dos alunos, já com 15 anos, afirmou preferir o futebol, e que quando teve oportunidade de praticar outras modalidades nunca o fez:

suj.49_ Na 5a., 6a., 7a., até a 8a. a professora dava, eu ficava de fora, não entrava. Só quando era futebol de salão.

Um outro sujeito, ao participar de outra modalidade, aprendeu a gostar dela:

suj.47_ (...)eu não gostava de vôlei, aí o professor deu vôlei, aí eu comecei a jogar, eu fui aprendendo a jogar e comecei a gostar, né! Eu quero ser jogador de vôlei.

Outro ainda lembrou que não sabia jogar antes de passar para a 5a. série e foi bom aprender:

suj.30_ Porque é gostoso fazer física, antes, quando estava no primário não sabia jogar nada, quando entrei no ginásio aprendi a jogar, é gostoso.

Uma preferência pode vir desde cedo, dependendo até de influências familiares, televisivas ou de rua, mas é na escola, certamente, que o aluno deveria tomar contato com diferentes modalidades, e poder afirmar, com certeza de ter experimentado outra coisa, que prefere tal esporte. Caso contrário a escolha é feita baseada em uma só experiência e é unilateral.

Para este sujeito é possível a escolha:

suj.52_ Se aqui não tivesse física, faria em outro lugar. Gosto de vôlei.

E se fosse basquete?

Não faria. Aprendi vôlei desde a 5a. série, e mais coisas, mas o que me interessa mais é vôlei.

Experimentando um pouco de cada coisa também é possível compreender que

umas pessoas se dão bem com determinado tipo de esporte, outras não; é possível até compreender suas limitações.

suj.05_ Bom, eu gosto mais de vôlei e ginástica. Basquete e queimada eu não sou muito boa.

suj.14_ Agora, quando tem jogo eu não jogo, no jogo eu não faço nada, não sou cobra no jogo.

Principalmente para os alunos que fazem outra atividade física fora da escola, o aprimoramento das técnicas foi fator de destaque quando indagados sobre o que poderia acontecer na aula para que ela ficasse mais gostosa. Os alunos não estão contentes com aulas em que não aprendem nada, com aulas em que o professor entrega uma bola e os deixa jogando. Apesar do jogo ser um dos momentos mais prazerosos da aula compreendem que, se não aprenderem as técnicas, não jogarão muito bem:

suj.01_ Ah! Eu acho que um tipo mais de treinamento. Ela tinha que dar mais saque pras meninas ficarem melhor, treinar mais manchete, toque, no caso, a gente faz vôlei, então acho que ela tinha que começar com jogo mais tarde porque as meninas não sabem ainda. As meninas não sabem que tem que abaixar pra pegar a bola, elas tem medo ainda de pegar a bola.

suj.11_(...) quando tem esse jogo de futebol ou teste físico. Eu quero ver se eu estou melhor.

suj.14_ Lá no jogo eu gosto de fundamento pra eu aprender a jogar. Quando eu aprender a jogar aí tudo bem, eu começo a jogar certo.

suj.27_ Gosto mas é que na 5a. série era bem mais gostoso. A professora não fala mais nada, manda dar volta na quadra e jogar, nos outros anos ela dava exercícios. Ah! Sei lá, mudar um pouco, chega aí pega a bola e joga, então fica sem graça assim.

suj.29_ (...)treinar mais.

su.18_ Quería que a gente ficasse um pouco mais treinando.

su.38_ Acho que precisaria um pouco mais de técnica de volei feminino.

su.40_ Melhorar uns professores aí. Não vem na hora certa, não dá física, manda fazer um time, já solta já...

su.43_ Primeiro, mais gente pra jogar, depois um exercício antes... a aula é sempre igual, sempre a mesma coisa.

su.51_ Porque só faz exercício quando tem prova (teste físico) . Colocaria mais aquecimento e aí treino, depois o jogo.

Pra gostar mais da aula, se interessar mais, devia ter mais treino, que eu acho necessário mesmo, não só jogo, mais treinos.

su.57_(...) mais exercício (...)

Gostam de ser colocados à prova:

su.06_(...) mas eu gosto se ela for exigente, assim, se ela exige aí dá pra aproveitar bastante a aula. Eu gosto que exige bastante de mim.

Até trocariam a escola por outro lugar se tivessem a certeza de aprender mais, o que demonstra que os alunos não são preguiçosos são aprender:

su.34_ Pra aprender mais trocaria. Se fosse um lugar bom e aprendesse mais eu iria.

Esta aluna deu um verdadeiro show sobre o conteúdo e estratégia de aulas:

su.44_...Devia treinar um pouco pra depois jogar basquete mesmo. A primeira vez que nós jogamos basquete, eu não sabia, e eu ganhei e nunca jogaram, e então elas erravam muito. Então a professora falava muito "Por que erra?" Mas ninguém sabia, aí deveria fazer assim né: primeiro treina a pessoa, pergunta se ela

sabia jogar, aí sim, colocava ela pra jogar,né! Por exemplo: primeiro semestre deveria ser basquete, no segundo handebol, variar mais; foram dois semestres batidos só em volei.

Na mesma escola várias meninas ficaram sentadas do lado de fora da quadra, sem fazer a aula, o que foi percebido por uma delas:

suJ.50_ Que a professora incentivasse mais, porque tem muita gente que não joga, treinasse mais, tem muita gente que não sabe mais porque não treina, se a professora desse mais treino, dar mais oportunidade...

Algumas crianças, em menor número, reclamaram da quantidade de exercícios nas aulas. Muitas das reclamações diziam respeito não só à quantidade de exercícios como também pelo fato de serem repetitivos:

suJ.20_ Gosto quando ele dá jogo. Ele tem mania de dar muito preparo físico, e aí enche o saco, fazer todo dia sempre a mesma coisa. Queria que o professor desse um pouco só de corrida e depois do jogo alongamento.

suJ.24_ Ah, não punha aula de física assim de ginástica porque tem vez que é só exercício pra fazer.

Outra aluna obesa também demonstrou não gostar muito de exercícios, principalmente se estes ocupam grande parte da aula:

suJ.31_...A professora fazer também menos exercício, que nem hoje, tem uma aula só, dificulta muito porque eu gosto mais de jogar, só tem 10 minutos e é parte mais de exercício. Então pra mim, não gosto muito.

Outros, por sua vez, parecem não gostar mesmo de exercícios ou educativos:

suJ.33_... No meu ponto de vista ter menos exercícios.

suJ.42_ (não gosta) Fazer exercício.

Mas alguns parecem entender mais do assunto do que os professores:

suJ.13_ Só se ela dá muita coisa, assim se torna chato, se ela dá muita corrida, 6 minutos por exemplo, aí enjoa, se ela dá brincadeira de corrida então fica super legal. É melhor fazer brincando porque além de tá correndo, a gente tá se divertindo.

suJ.53_ Em vez de correr em volta da quadra, podia dar outra coisa.

Apesar da resistência de alguns alunos em relação aos exercícios, fica claro pelas entrevistas que eles não preferem ficar sem fazer nada ou receber qualquer tipo de aula; ou ainda, não gostam quando o professor simplesmente divide a turma e entrega uma bola.

O conteúdo poderia ser muito mais explorado e outras estratégias poderiam ser utilizadas. Para LOVISOLO et al. (s.d.), 88,1% dos alunos gostam das atividades físicas que fazem, 8,65% não gostam e 3,25% não possuem opinião formada. Sugere que se pense melhor a aula de Educação Física pois ..."talvez se esteja absolutizando as representações sobre a escola, e em consequência não estamos conseguindo realizar análises e recordes sobre os problemas mais significativos da educação formal" (p.50).

suJ.01_ Outro dia a professora passou um filme. Acho que deveria ter filme pra gente aprender, aprendendo mais, mais coisas é melhor.

Condições de infra-estrutura escolar

Esta sub-categoria surgiu a partir principalmente de duas questões, o que fazer para melhorar a aula e o que atrapalha a aula. Nela inclui as condições materiais, a organização e os períodos de aula. De forma geral as condições materiais não podem ser consideradas, a partir de todas as respostas, como algo muito importante para o aluno, pois o relacionamento com os colegas/professor e o conteúdo superou as condições materiais. No entanto foi algo sentido pelos alunos e deve ser, portanto, citado. Enquadra-se aqui o espaço para as aulas, uma vez que em uma das escolas este espaço é muito restrito, e em duas chega-se a utilizar um outro local da cidade denominado Espaço Livre.

suj.16_ Ter mais espaço, mais espelho, mais barra.

Você acha que falta isto aqui?

Na aeróbica falta espaço, tem bastante menina pra fazer.

suj.42_ Ter mais bolas pra jogar.

Talvez pelo fato da Educação Física não ser muitas vezes considerada como uma aula como as demais, o material necessário a estas aulas é sempre o último a ser adquirido e, geralmente os diretores de escolas gostariam que ele fosse eterno, não compreendendo que é um material que possui somente um certo tempo de vida útil como acontece com os cadernos, lápis ou canetas.

As escolas tomam para si a responsabilidade de comprar o material, não solicitam o material do aluno, como acontece com livros, cadernos e outros, mas não conseguem adquiri-lo e quem sofre as consequências disto são os professores e alunos que acabam trabalhando às vezes sem a mínima condição.

As quadras deixam a desejar, sem conservação, sem pintura das linhas ou sem aros. Algumas escolas não possuem sequer uma rede de voleibol.

suj.02_ A quadra é muito pequena, a quadra não é coberta, tem muito sol...Ah, é só...só esta quadra que é muito pequena, não dá pra fazer quase nada.

As condições materiais acabam interferindo seriamente no prazer na aula e de forma geral no desenvolvimento desta aula.

suj.05_ A quadra é muito pequena e tem bastante gente. Eu gosto de volei mas aqui não tem lugar pra por a rede, nem linha...Eu gosto de volei, mas como volei não dá pra fazer aqui...

suj.51_ Só tem uma quadra, tem muito defeito, não tem aro, então fica todo mundo numa quadra só, joga basquete, no meio é volei. Quando tá jogando vem uma bola no meio, bate, atrapalha.

suj.21_ ...a quadra ficar boa também porque estragaram a rede, a cesta...

suj.18_ se tivesse uma quadra melhor...

suj.58_ Queria jogar basquete, mas quebraram o aro, tiraram, só ficou um.

A organização de aula apareceu algumas vezes mesclado ao conteúdo como demonstra, por exemplo, o depoimento do sujeito 44 na sub-categoria conteúdo.

A interferência da organização diz respeito, portanto, ao conteúdo ministrado, a forma como é conduzida a aula e as interferências externas a esta aula.

O número elevado de alunos em uma só turma, por exemplo não favorece a oportunidade de participação . A divisão das turmas em masculino e feminino faz com que, muitas vezes, o professor tenha que colocar em uma só turma alunos de

várias séries. Turmas compostas com números às vezes até maior do que manda a legislação, desfavorece a participação, principalmente onde só existe uma quadra e pouco material.

O fato de faltar, ora espaço, ora material, ou as duas coisas, ou ainda uma falta de visão do professor para que enquanto uns alunos estiverem na quadra, outros estejam fazendo uma atividade diferente em outro espaço, faz com que haja uma falta de motivação à participação. Isto sem contar que a divisão de equipes não proporciona oportunidades iguais:

suj.05_ Ah, eu queria que não tivesse tanta gente. Sabe, as meninas melhores ficam na frente e a gente nunca pega na bola. No basquete também é assim, as melhores jogam, então não tem graça jogar.

Quando as turmas são compostas por alunos de idades diferentes, e com níveis de habilidades diferentes, o problema é ainda maior.

suj.21_...tava pensando porque as mulecada não joga pra ninguém, então fico de fora e não dá pra jogar. Agora basquete não, basquete é mais gostoso, um tocando pro outro. Aí fica ruim, tem mulecada aí que jogam bem né, só que só ficam eles jogando, a gente que quer ser escolhido não dá pra jogar.

suj.58_ Se você quer jogar uma coisa os grandes resolvem o que vai jogar, aí quem não quer jogar fica de fora. Se ela fala: -Vão jogar handebol, aí os grandes falam que quer jogar futebol, então joga futebol.

A próxima menina pouco participou da aula:

suj.27_ Às vezes vem muita gente da 8a. série, acho que deveria ser assim 5a., 6a., 7a. e 8a., ela mistura 5a. com 6a., 7a. com 8a., acho que deveria ser diferente, porque daí sai aquela bagunça.

Não é somente para os que possuem dificuldade que a motivação decresce. No caso dos alunos que já possuem um nível superior de habilidade, e participam há muito tempo de uma mesma atividade, quando têm de esperar que os novos alunos aprendam os fundamentos, também sentem-se desmotivados:

su.38_ Nessas aulas, assim de 5a. a 8a. série, as meninas que não sabem jogar direito, perde um tempão pra ensinar, fora isso, nada.

A questão da cooperação entre os colegas, que surge com uma má organização da aula também atrapalha o desenvolvimento desta:

su.23_ Todo dia que a gente faz física é a mesma coisa, sabe. A turma não espera a professora falar, deveria ser assim: entra, espera a professora falar, vai fazer exercício, pra ganhar mais tempo pro esporte. A turma devia cooperar.

su.25_ Atrapalha se a gente estiver jogando e entra alguém na quadra, né.

su.52_ Os meninos, às vezes estamos jogando, eles vêm, entra no meio. Só isso.

su.53_ Quando chega gente de outra aula, entra na quadra, ou quando tem gente em aula vaga.

Às vezes, coisas elementares são esquecidas:

su.09_ Que tivesse um tempo de descansar, por exemplo, se desse volta na quadra que desse um tempo pra beber água.

su.06_ (...) Que tivesse competição com outras escolas. Por enquanto a gente fez competição só com a outra professora de basquete, nosso resultado não foi bom, a gente perdeu mas teve também com outras classes, 5a., 6a., 7a. eu gostei, vinha todo dia.

Um aluno chegou a dar uma sugestão sobre como fazer para organizar melhor e evitar transtornos que acabam atrapalhando o andamento da aula:

suj.21_ Agora, se fosse todo mundo fazer uma reunião assim e formava o grupo, evita bagunça, aí se fosse todo mundo reunido assim, ficaria melhor.

Quanto à duração da aula, muitos alunos demonstraram que não estão contentes com o pouco tempo para as aulas de Educação Física. Preferem quando a aula é dupla, pois parece haver uma melhor divisão desta aula. Quando a aula é de 50 minutos torna-se na realidade um pouco mais da metade, porque entre a chamada, as explicações, e a divisão de grupos, no caso de jogos, são passados preciosos minutos, isto sem contar o aquecimento, quando ocorre, e o grande número de equipes formadas para jogar, no caso de turmas numerosas.

Também em CAVIGLIOLI (1976) encontramos 76% dos alunos insatisfeitos com o horário semanal de aulas. Na França, a média semanal de aulas é de 4 horas no 1º ciclo e 2 horas e 15 minutos no 2º ciclo.

suj.12_ Ter mais jogos assim e praticar , um só por aula é pouco, a gente joga muito pouco tempo. Se quiser jogar tem que ir pra outro lugar né, aqui é muito pouco. Teria que ter mais aula de Educação Física.

suj.43_ (...) um pouco mais de tempo.

Acha pouco tempo de aula?

Ah, até começar tudo, a turma toda chegar, demora um pouco. Só isso.

suj.45_ Ah, eu acho que o tempo é muito curto. Chega joga volei, depois joga basquete, não dá tempo.

suj.19_(...) mais tempo de aula.

Se observadas as condições para o fluir de CSIKSZENTMIHALYI (1992), estes

alunos têm razões em reclamar, pois não há possibilidade de conclusão de uma tarefa quando o tempo é escasso:

suj.33_ Ah, ter mais aula por semana, muito pouca. Três aulas só, tinha que ter mais.

suj.34_ Se tivesse mais tempo pra fazer...

suj.24_ Quando é aula dupla porque aí nós fica mais do que quando é uma só...

Mas não foi somente em relação ao tempo da aula que houve reclamações. Também o número de aulas semanais foi considerado pequeno. Como a grande maioria sente enorme prazer em fazer as aulas, é compreensível que queiram fazê-la sempre:

suj.06_ Ela poderia dar mais jogos e que o tempo de Educação Física se prolongasse. Tem três aulas de Educação Física mas eu queria que tivesse mais ...

suj.21_ Devia ter duas aulas por dia, todo dia.

suj.11_ ...ter mais jogos assim e praticar mais. Um por aula é pouco, a gente joga muito pouco tempo, se quiser jogar tem que ir pra outro lugar né, aqui é muito pouco. Teria que ter mais aula de Educação Física.

aula em outro período prejudica quem tem que estudar para o dia seguinte:

suj.09_ A hora é um pouco chata, atrapalha muito. Quando tem que estudar pra prova aí atrapalha muito, prejudica um pouco o estudo. Gostar eu até que gosto mas, queria que mudasse o horário. Lá no.....tinha um negócio legal que era junto com as outras aulas.

Mas, se for considerado que a aula de Educação Física é realmente prazerosa e os alunos entram em estado de fluxo, então é natural compreendermos que querem sempre mais horas de aula pois:

"Uma das descrições mais comuns da experiência máxima é que o tempo não parece mais transcorrer do modo costumeiro. A duração objetiva, exterior, que medimos com relação aos acontecimentos externos como noite e dia, ou a progressão regular das horas, torna-se irrelevante diante do ritmo ditado pela atividade." (CSIKSZENTMIHALYI, 1992, p. 102)

Por último realizei uma análise contextual, com o objetivo de verificar se havia diferença nas respostas dadas pelos alunos por sexo, idade e os que frequentam escolas públicas e particulares. Como identificar estes indivíduos poderia comprometer o sigilo proposto no início das entrevistas, esta identificação não será possível no decorrer desta análise, assim como em todo o trabalho.

As crianças menores (10 e 11 anos) deram respostas mais curtas, não se alongando nos pronunciamentos, mas isto não inviabilizou a análise de uma forma geral.

As maiores diferenças ocorreram em relação ao sexo, e não para todas as questões; somente para algumas, como será explicado adiante. O fato de serem crianças de escolas particulares e públicas não significou muito nesta análise. Isto pode ser compreendido de duas formas: ou realmente não há diferenças marcantes entre as crianças, e o nível social não interfere no prazer em aulas de Educação Física, ou atualmente muitos pais não conseguem pagar uma escola particular e transferem seu filhos para uma escola pública, e outros pais se sacrificam para deixar seus filhos em escolas particulares por não acreditarem na

escola pública, e os níveis sociais estão perfeitamente misturados. Prefiro acreditar que tudo isto acontece ao mesmo tempo.

Em relação à motivação intrínseca, os meninos parecem senti-la mais do que as meninas, que por sua vez motivam-se mais com a presença das amigas do que os meninos.

Os meninos reclamaram muito mais do que as meninas quanto às interferências negativas dos colegas, o que me faz pensar que o jogo dos meninos, por apresentar maior contato corporal, oferece maiores chances de reclamações e desavenças. Como eles sentem uma motivação intrínseca maior, não gostam muito das interferências e portanto reclamam mais.

Para ambos, assim como sem diferença de idade ou nível social, a relação com os professores é bem significativa, mas as meninas gostariam mais que a relação com as professoras fosse mais próxima.

As reclamações quanto ao conteúdo ficaram por conta dos alunos de ambos os sexos das escolas públicas.

Não houve diferença marcante em relação ao fluxo ou em relação ao tempo de aula e organização da mesma. Observei que as condições da quadra e materiais foram lembradas por quase todos os alunos de uma mesma escola particular.

O que me entristeceu foi a constatação de que em uma das escolas públicas, pelas observações das alunas, a professora não é promotora de prazer nem o conteúdo e organização das aulas foi considerado adequado pelos alunos, e uma das professoras de outra escola particular foi lembrada por quase todas as entrevistadas como uma pessoa não muito amiga das alunas.

O que mais me chamou a atenção e me deixou muito contente foram as respostas de alunos de uma escola particular onde o professor foi muito citado

como alegre, participativo e incentivador, o conteúdo como o mais adequado e as crianças me pareceram muito felizes em suas respostas.

CAPÍTULO IV

À LUZ DOS RESULTADOS

*"Pelo menos eu aprendo alguma coisa, exercito, não fico enferrujado que nem meu pai. Meu pai, correr mesmo só com o carro".
(suj. 14)*

Existe entre estes alunos entrevistados a dúvida se a Educação Física é uma disciplina ou não, apesar de estar confirmado que gostam muito dela, dúvida esta que em nós, professoras, persiste; afinal, nem a legislação federal é clara. É uma área de estudo, mas obrigatória no 1º e 2º. graus, assim como Matemática e Português. É disciplina igual às outras, mas é ministrada fora do horário escolar, na maioria das vezes. Não tem nota, mas reprova por falta. Reprova por falta, mas em último caso, pois existem as reposições de aula.

Contradições geram dúvidas, e neste emaranhado todo é justificável que os alunos também tenham as suas. Dúvidas à parte, com exceção de um aluno, os outros afirmaram gostar bastante da Educação Física.

O prazer de participar das aulas apareceu como palpável na medida em que pode ser sentido pelos alunos, às vezes como algo indiscreto, outras vezes como um estado de fluxo que só sentimos quando realmente experimentamos alguma coisa muito prazerosa. Digo como palpável pois agora tenho certeza de que ele existe, e faz um bem muito grande aos alunos. É tão forte que faz com que muitos pensem em nunca trocar as aulas por outra atividade física, que faz com que outros pensem

em ser professores de Educação Física, ou jogadores profissionais, mas acima, e apesar de tudo, que muitos sintam uma motivação interna para gostar das aulas. E isto é muito importante, afinal, vivendo em um mundo onde as motivações estão cada vez mais vindo de fora, onde quando não há motivação extrínseca, há punição, encontrar prazer em algo onde, basicamente, a motivação é intrínseca, torna-se muito compensador.

Também digo, "apesar de tudo", pois as condições em que a Educação Física encontra-se nas escolas são cada vez mais precárias. Fora a legislação, há, por exemplo, a questão da fiscalização a atrapalhar mais do que ajudar. Os professores tornam-se preenchedores de diário de classe e quase são obrigados a promover um aluno, repondo aulas ao final do ano. Não há, como nas outras disciplinas, um objetivo palpável, nem livros didáticos e muito menos quem entenda do assunto para afirmar qual o melhor conteúdo. Assim, encontramos aulas idênticas em classes de 5a. série do 1o. grau e 1a. série do 2o. grau. Nestes trancos e barrancos, alguns alunos deste estudo perceberam esta falha, ao afirmar que as aulas são sempre iguais, não mudam.

As condições dos materiais e quadras, principalmente nas escolas públicas, são lamentáveis. Seria o mesmo que os professores de classe darem aula escrevendo em um quadro-negro arrabentado (aros e redes), pisando em um chão quebrado, onde as carteiras equilibrar-se-iam nos buracos (chão das quadras, onde os alunos podem torcer os pés a qualquer instante), sem giz, livros, cadernos e canetas (bolas, cordas, arcos e colchões).

Os horários em que são ministradas as aulas de Educação Física, segundo estes alunos, não parecem ser os mais indicados, pois fazem com que ele tenha que sair de casa duas vezes por dia, de manhã e à tarde, atrapalhando quando têm que estudar para provas ou fazer lições. Melhor seria aumentar o período de

permanência na escolas, mas deixar estas aulas junto às outras.

Muito teria que ser pensado e reformulado sobre as aulas, principalmente sobre as noções de higiene e de esforço físico. Acho que não só as crianças ganhariam com isto, mas também os pais, por não terem preocupação com os filhos saindo duas vezes por dia, e a própria Educação Física, pois finalmente estaria junto às outras disciplinas, e o professor manteria um contato maior com os outros professores, não ficando a parte do que acontece na escola em período normal. Mas, como já afirmei, isto dá muito trabalho e precisa ser muito bem planejado. É bem mais cômodo permanecer como está do que mudar!

Falta também, pelo que posso perceber, uma comunicação maior na relação professor-aluno. Alguns alunos disseram que não gostam de fazer exercícios de aquecimento. Será que sabem porque fazem exercícios? O que é um aquecimento? Por que ele é necessário? Na faculdade aprendemos fisiologia, citologia, anatomia e diversos conteúdos ligados ao corpo humano e suas funções, mas não aprendemos a explicar isto para os alunos. Simplesmente dizemos: "dez voltas ao redor da quadra, 30 abdominais, 30 dorsais".

Talvez somente a explicação não modifique o comportamento dos alunos, mas pode ser que a explicação e algumas mudanças nas estratégias tornem estes exercícios mais toleráveis, afinal, fazer sem gostar, pelo que me foi respondido "não é legal" e muito provavelmente não será incorporado na vida cotidiana do indivíduo, não se tornando uma educação permanente.

Infelizmente a falta de esclarecimentos não pára por aí. Por que um conteúdo é escolhido para o 1º bimestre e outro não? Por que o professor às vezes só ministra um conteúdo? Por que as turmas são mistas? Por que há alunos de 5ª a 8ª série em uma só turma? Enfim, há muitos **por ques** não respondidos e o que me chamou a atenção é a falta de diálogo entre os professores e os alunos,

existe a figura de ídolo (professor), mas falta diálogo.

Mágoas dos alunos para com os professores e muitas reclamações sobre os colegas que acabam interferindo no prazer em aula poderiam ser resolvidas se houvesse um espaço maior para o diálogo, ou se os professores estivessem dispostos a ouvir os alunos.

Muitos problemas, como a questão da cooperação, não são esclarecidos, suponho, por vários motivos:

- os professores nem sabem de sua existência, pois com uma aula atrás da outra, nem conseguem perceber se são problemas de uma mesma turma, ou se acontecem esporadicamente.
- os alunos não têm chance de expô-lo com calma. Uma briga acaba apresentando um probleminha qualquer.
- os alunos até expõem o problema, mas é difícil uma solução pelo pouco tempo de aula, pelas condições da chegada de outra turma, pelo grande número de alunos, etc.

Com isto perde-se a oportunidade de uma solução através do diálogo e fazemos da aula de Educação Física algo somente motor, sem possibilidade de acordos, reuniões entre as crianças e respostas cognitivas e afetivas.

Como exemplo, cito o sujeito 14 que se disse magoado com os outros alunos que o valiam quando erra. Isto poderia ser levantado pelo professor e discutido pelos alunos. O sujeito 01 afirmou não conseguir fazer o que o professor solicitava. Neste caso haveria a discussão entre querer e poder, querer e não ter condições para executar. Assim não ficariam mal-entendidos entre o desejo do professor em querer que o aluno faça tudo solicitado e as condições físicas e psicológicas do aluno que tenta e não consegue.

O castigo físico, coisa que imaginei já estivesse enterrada, continua a existir em algumas escolas. Não me parece que alguém vá continuar gostando das aulas, ou pelo menos de algumas atividades, se estas forem utilizadas como punição. A corrida para muitos já é algo penoso, imagine se utilizada como castigo. O mesmo ocorre com qualquer exercício. A tabuada pode ser aprendida sem dúvida alguma, se a ficarmos copiando inúmeras vezes, mas este tipo de estratégia deve ser reproduzida na Educação Física? Sem prazer?

Creio que há uma ligeira confusão aí. Os alunos realmente não desejam que todas as coisas sejam fáceis. O desafio de algo difícil, mas realizável é almejado por eles. Afirmam que querem aprender melhor, que quanto mais aprenderem, melhor a aula se tornará, mas isto não significa que o movimento humano deva ser utilizado como punição quando não conseguem fazer algo ou quando estão **indisciplinados**. Usar o movimento como castigo é o mesmo que dizer - "a atividade física é ótima, mas só de vez em quando, e ela pode se voltar contra você".

A cultura predominante na escola é a cultura esportiva. Não considero este fato como ruim, mas afirmo que faltam muitas coisas. Como explicar isto tendo em vista que aprendemos nos cursos de nível superior tantos conteúdos? É possível compreendermos nosso corpo, nossa expressão somente através da cultura esportiva? Parece-me que não. Nas crianças que entrevistei o corpo, a compreensão do corpo não foram citados.

O que ficou claro para mim é que, apesar da deficiência da Educação Física na escola, deficiência esta percebida pelos alunos que filtram os acontecimentos com sua percepção, eles ainda conseguem sentir muito prazer em participar das aulas.

Que poder é essa que o movimento humano consegue exercer sobre as pessoas? Apesar da falta de comunicação professor x aluno, das desavenças com

os colegas, do conteúdo que não muda, das condições das quadras e dos materiais, apesar de tudo os alunos, em sua maioria, continuam sentido prazer em fazer as aulas.

De certa forma isto pode até representar um perigo muito grande para a Educação Física. Os que dela se beneficiam não possuem muito como reclamar uma melhora e assim a coisa pode se perpetuar.

Penso ver aqui minha contribuição com este trabalho. Fui à fonte e deixei que os alunos falassem, que mostrassem o prazer que sentem, um prazer enorme, mas que não justifica o que acontece de ruim com a Educação Física. Isto não justifica a falta de atenção para com a Educação Física de forma geral. Muito pelo contrário, se da forma como está a Educação Física consegue exercer tamanho poder de sedução, imagine se fosse melhor!

Os alunos falaram, mostraram que gostam sim, que o prazer que sentem muitas vezes não conseguem nem explicar como é. Só que ainda falta muito para ser total. Poderia ser melhor e este alerta vai principalmente para os professores, responsáveis diretos por quase tudo que acontece dentro da aula, responsáveis pelo que pode acontecer pelo resto da vida a seus alunos. Afinal, o que resta depois que os indivíduos saem da escola? Pelo desprazer muito provavelmente os indivíduos não farão atividades físicas, mas pelo prazer as coisas talvez sejam diferentes.

Incentivar uma grande massa da população a praticar esportes depois de adultos é mais difícil do que incentivar uma grande massa de crianças e fazer disto um hábito saudável e prazeroso. Se queremos que a atividade física seja praticada em qualquer idade e não só em alguns momentos da vida, devemos cuidar da atividade física na escola, torná-la prazerosa, agradável, através de experiências vividas, estudadas, discutidas, entendidas e até mesmo complicadas,

mas acima de tudo felizes. E, parafraseando Vinícius de Moraes:

"OS QUE FOREM CONTRÁRIOS QUE ME PERDOEM, MAS PRAZER É FUNDAMENTAL".

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABBAGNAND, N. *Dicionário de Filosofia*. 2a. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

ABREU, N. G. Meninos pra cá, meninas pra lá in: VOTRE, S. (Org.) *O discurso dos atores da Educação Física*. Rio de Janeiro, 1991. (mimeo.)

ALVES, R. *A gestação do futuro*. Campinas: Papirus, 1986

_____. *Estórias de quem gosta de ensinar*. 14a. ed. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1990.

_____. *Conversas com quem gosta de ensinar*. 25a. ed. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1991.

BELBENOIT, G. *O desporto na escola*. Lisboa: Estampa, 1976.

CAVIGLIOLI, B. *Sport et adolescents*. Paris: J. Vrin, 1976.

CSIKSZENTMIHALYI, M. Play and intrinsic rewards. *Journal of humanistic psychology*, 15 (3): 41-63, 1975.

_____. *A psicologia da felicidade*. São Paulo: Saraiva, 1992.

CSIKSZENTMIHALYI, M.; CHALIPP, L.; KLEIBER, D. & LARSON, R. Variations of experiences in formal and informal sports. *Research Quarterly for exercises and Sport*, 55 (2): 109-116, 1984.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. 5a. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

FREIRE, J. Rumo ao universo... do corpo. In: OLIVEIRA, V. M. (Org.) *Fundamentos pedagógicos: educação física*. Vol. 2. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

_____. *Educação de corpo inteiro*. São Paulo: Scipione, 1989.

- FREIRE, J. *De corpo e alma: o discurso da motricidade*. São Paulo: Summus, 1991.
- GIRALDES, M. Professor ... quando jogamos? *Stadium*, 92: 22-24, 1982.
- HARTLEY, R. Play, the essencial ingredient. *Childhood Education*, 48 (2): 80-84, 1971.
- HUXLEY, A. *Admirável mundo novo*. 11a. ed. Rio de Janeiro: Hamus, 1969.
- IAKOBSON, P. *Psicologia de los sentimientos*. Montevideo: Pueblos Unidos, 1959.
- KORCZAK, J. *Quando eu voltar a ser criança*. São Paulo: Summus, 1981.
- LADRIÈRE, J. *Vida social e destinação*. São Paulo: Convívio, 1979.
- LEPARGNEUR, H. *Antropologia do prazer*. Campinas: Papirus, 1985.
- LIMA, A. F. S. O. *Pré-escola e alfabetização: uma proposta baseada em P. Freire e J. Piaget*. 2a. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- LOCKHARD, A. S. Fractivies and principles governing motor learning of children.
In: CORBIN, C.B. *A textbook of motor development*. 2a. ed. Dubuque: Wn C. Brow Company Publishers, 1980.
- LOPES, V. P. O desporto na sociedade actual. *Horizonte*, 134 (6): 137-142, 1989.
- LOVISOLO, H. et alii. *A educação física na escola: avaliações de alunos e responsáveis*. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, s.d. (mimeo.)
- LOWEN, A. *Prazer: uma abordagem criativa da vida*. São Paulo: Summus, 1984.
- MARCELLINO, N. C. A sala de aula como espaço para o jogo do saber. In: MORAIS, Regis (Org.) *Sala de aula, que espaço é esse?* 4a. ed. Campinas: Papirus, 1989.

- MARCUSE, H. *Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- MARIAS, J. *O tema do homem*. São Paulo: Duas Cidades, 1975.
- MARTINS, J. & BICUDO, M. A. V. *A pesquisa qualitativa em psicologia*. São Paulo: Moraes/ EDUC, 1989.
- MORAIS, R. de. *Entre a educação e a barbárie*. Campinas: Papyrus, 1982.
- MOREIRA, W. W. Educação e desordem, um binômio a ser alcançado. *Impulso-Unimep*, 2 (3): 13-19, 1988.
- _____. *A ação do professor de Educação Física na escola: uma abordagem fenomenológica*. Campinas: Ed. Unicamp, 1991.
- PELENTO, M. L. A concepção do brinquedo na teoria de Winnicott in: DUTEIRAL, J. O. & GRAÑA, R. B. *Donald W. Winnicott: estudos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- PEQUENO dicionário brasileiro da língua portuguesa; ilustrado. São Paulo: Abril Cultural, 1972.
- POSSENTI, S. Apresentação da análise do discurso. *Glota*, 12: 45-59, 1990.
- QUEIRÓS, M. I. P. *Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERV/FFLCH/USP, 1983.
- RICDEUR, P. *O conflito das interpretações; ensaios de hermenêutica*. Rio de Janeiro: Imago, 1978.
- _____. *Teoria da interpretação*. Lisboa: Edições 70, 1987.
- VASQUEZ, A. S. 4a. ed. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

WINNICOTT, D. W. O brincar & a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. A criança e seu mundo. 5a. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Anexo

- Q1) Qual a disciplina que você mais gosta?
- Q2) Como você se sentiu enquanto fazia a aula?
- Q3) Quando é que você mais gosta da aula?
- Q4) O que você acha que poderia acontecer na aula, para que ela ficasse mais gostosa?
- Q5) O que ou quem ajuda você a gostar da aula?
- Q6) O que ou quem atrapalha a aula?
- Q7) O que você acharia das aulas serem feitas junto com os meninos ?
- Q8) Você faz outro tipo de atividade física fora da escola?
- Q9) Caso você pudesse, trocaria as aulas da escola por outra, em outro lugar?
- 10) Gostaria que você falasse mais sobre o (não) gostar, o (des) prazer e a (não) alegria de participar das aulas de Educação Física.